



Em 1609, Galileu, com os registros de suas observações via telescópio, realizou descobertas que colocaram em xetque conceitos antigos sobre a organização do universo. A celebração desses 400 anos de evolução tecnológica e científica fez de 2009 o Ano Internacional da Astronomia. O intuito de tal programação comemorativa é aproximar mais a população dessa ciência. As ações da Universidade e a formação em Astronomia podem ser conferidas em matéria especial.

*Página  
Central*

## Mais perto das estrelas

### PIRATARIA

## Muitos ganham nas águas sem lei da Somália

30% do petróleo e 16% do comércio do mundo circulam pelo litoral da Somália, que desde 1991 não existe como Estado. Controlam a região os *senhores da guerra*, como são conhecidos os chefes dos clãs somalis. Em 2004, ante a exploração da pesca por embarcações estrangeiras e o despejo do lixo tóxico italiano em sua costa, os pescadores de diversos clãs voltam a operar, dando origem aos Piratas da Somália.

**P10**

### SAÚDE PÚBLICA

## Saneamento básico garante qualidade de vida

Antônio Benetti, professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, analisa os benefícios que a chamada "revolução sanitária" – caracterizada pela introdução de sistemas de distribuição de água potável e pela coleta de esgotos –, trouxe para qualidade de vida das populações urbanas.

**P4**

### MÚSICA

## OSPA volta à Universidade

Assinatura de convênio faz retornar à UFRGS os concertos oficiais da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, que desde julho do ano passado está sem espaço próprio para suas apresentações. É a retomada de antiga parceria que teve início em 1957, incluindo famosas séries, como *Concertos para a Juventude* e *Poema* – este último voltado para estudantes do ensino básico.

**P13**



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

### OUTRA ECONOMIA

## Dicionário aponta alternativas

O professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Antonio David Cattani é um dos organizadores do *Dicionário Internacional da Outra Economia*, lançado recentemente pela Editora Almedina, de Coimbra (Portugal). A obra resulta de um trabalho iniciado durante o 1.º Fórum Social Mundial e traz 58 verbetes de autores de três continentes, que procuram divulgar os conceitos e as teorias mais marcantes sobre as alternativas à economia capitalista. Um exemplo dessas alternativas, a economia solidária, atua localmente, envolvendo parcerias com órgãos públicos e o respeito à terra, além de uma ideia de valorização humana.

**P5**



### PESQUISA

## UFRGS sediará Instituto Nacional de Engenharia de Superfícies

"Formamos uma rede de âmbito nacional com os melhores que atuam na área", comemora o professor Israel Jacob Rabin Baumvol, coordenador do programa. A UFRGS classificou mais um projeto na segunda etapa do edital MEC/CNPq/2008. O novo selecionado é o Ins-

tituto de Engenharia de Superfícies, ligado ao Instituto de Física da Universidade, que tem como principal parceira a Universidade de Caxias de Sul (UCS). O objetivo do órgão é desenvolver soluções eficientes para os segmentos industriais.

**P11**

### INFRAESTRUTURA

## Restaurante Universitário do Câmpus do Vale espera ampliação

Com um número de usuários cada vez maior, o RU 3 aguarda por uma duplicação que deveria estar finalizada em outubro de 2008. Mais de dois anos após o início das obras, a falência da empresa vencedora da licitação adiou a solução para as longas filas do al-

moço. Enquanto a morosidade das filas é combatida com campanhas de conscientização, a Administração Central lida com os trâmites para o reinício dos trabalhos. A novidade é o anúncio da construção de um novo RU no Vale.

**P6 e 7**

### VESTIBULAR

## UFRGS vai analisar possibilidade de seleção em duas fases para 2011

**P3**

### TEATRO

## Atrações da 7.ª Mostra Universitária movimentam a Sala Qorpo Santo

**P12**

### DIREITO FUNDAMENTAL

## Professor do IPH escreve sobre os desafios para uma gestão participativa de acesso à água potável

**P4**



## Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto  
Reitor

# Democratizar o acesso ao conhecimento

A Universidade é espaço de criação, reflexão e disseminação do conhecimento. Enquanto instituição dedicada à educação e ao saber, torna-se portadora dos anseios de desenvolvimento humano, filosófico, artístico, científico e tecnológico da sociedade.

Todos reconhecem a necessidade de popularizar a ciência e de melhorar a qualidade da educação científica nas escolas de ensino básico. Em consonância com sua missão institucional, a UFRGS, por meio da Pró-reitoria de Pesquisa, lançou em abril o Programa *Ciência na Sociedade e Ciência na Escola*. No programa estão sendo oferecidas duas novas modalidades de bolsas acadêmicas: Iniciação à Popularização da Ciência e Iniciação ao Ensino de Ciências.

O desafio para estudantes de graduação e orientadores é o de produzir materiais e conteúdos de divulgação em diversas mídias para o público geral, implantar ou aprimorar museus, centros de ciências e bibliotecas, e atuar diretamente com a comunidade escolar. Parceiras na formação de professores, as escolas da educação básica das redes pública e privada passam agora a ocupar lugar destacado na formação de

futuros cientistas e de profissionais das diversas áreas. Mais do que a visão sistêmica da educação, o programa permite a prática da interação entre os diversos níveis educacionais, que mutuamente se fertilizam e qualificam. Vale considerar, neste aspecto, que o livro "Mast e o planeta azul", publicado pela Editora da Universidade com o selo do Planetário, está entre as obras selecionadas pelo Ministério da Educação para distribuição nas salas de aula de primeiro e segundo anos do ensino fundamental de toda a rede pública brasileira.

Na área acadêmica da extensão que desenvolve ações culturais e de desenvolvimento social, foi recentemente criado o Programa de Fomento. Antiga reivindicação dos extensionistas, o programa tem o objetivo de apoiar financeiramente ações registradas que não tenham outro tipo de aporte financeiro. Com essa iniciativa, a UFRGS qualifica as ações de extensão em interação com a sociedade, e a Pró-reitoria de Extensão racionaliza, ordena e acompanha a distribuição de recursos para viabilizar o crescimento da extensão universitária.

O conhecimento acadêmico também pode ser

oferecido à sociedade na forma de inovação tecnológica, logo outra importante ação da Universidade é a de incentivar o empreendedorismo e a inovação. Recentemente, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) lançou o Programa Primeira Empresa Inovadora (Prime), destinado a empresas que sejam inovadoras e que tenham, no máximo, 24 meses de existência. O Centro de Empreendimentos do Instituto de Informática (CEI), uma das primeiras incubadoras de base tecnológica da UFRGS, é uma das 17 incubadoras-âncora selecionadas para implementar o Prime. E a boa notícia é que o Centro, até o momento, lidera em número de empresas inscritas no país.

Os dois novos programas acadêmicos e o livro selecionado pelo Ministério da Educação, juntamente com o empreendedorismo, têm a característica comum de serem desenvolvidos nas interfaces com a sociedade. Expressam a vocação de democratizar o acesso ao conhecimento para estudantes da educação básica e para o público em geral. Um exercício desafiador e necessário para a Universidade da *Sociedade do Conhecimento*.

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

**Conselho Editorial**  
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

**Editora-chefe**  
Ania Chala  
**Repórteres**  
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira  
**Projeto gráfico**  
Juliano Bruni Pereira  
**Diagramação**  
Aluísio Pinheiro  
**Fotografia**  
Cassiano Andrade e Flávio Dutra  
**Revisão**  
Antônio Falchetta  
**Bolsistas**  
Bruna Goss, Demétrio Pereira, Fagner Nogueira, Jaqueline Crestani, Leila Ghiorzi e Luciane Costa  
**Circulação**  
Márcia Fumagalli  
Fotótipos e Impressão  
Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Formaturas

Quero parabenizar o Sr. Claudio Alberto Vargas Martins pelo cuidado com a formalidade e o decoro das formaturas da UFRGS, ao contrário de tantas outras Instituições que fazem da solenidade um verdadeiro circo, dando direito, inclusive, a que convidados deseducados levem fanfarras e cornetas, tornando uma ocasião tão significativa numa demonstração de verdadeira barbárie social. A solenidade de formatura é de total responsabilidade da Universidade; é o momento em que a Instituição reconhece oficialmente que o aluno cumpriu todas as formalidades para conquistar o grau acadêmico. Portanto, devem ser seguidas todas as normas para que a solenidade transcorra de maneira protocolar e civilizada, como requer a seriedade da ocasião.

Lúcia Inês Mossmann Schonhorst, servidora aposentada

### Ensino de Matemática

Achei muito interessante e importante o artigo sobre a Matemática, publicado na edição 115. Concordo com o que disseram os professores a respeito de o aluno da Escola Básica não conhecer a linguagem matemática. Falo isso porque eu mesma não a conhecia direito antes de entrar no Ensino Superior. Acredito que os educadores devam verificar suas didáticas para que o ensino dessa disciplina atinja seu objetivo. Eu, particularmente, percebo a Matemática como fundamental para o desenvolvimento do raciocínio em vários cursos de humanas ou exatas. Sabermos enxergar o que a abstração matemática propõe é muito importante não apenas para passarmos no vestibular, mas para o nosso desenvolvimento profissional.

Mariângela Torre Dias, Estudante do curso de Licenciatura em Matemática

### NOTA DO EDITOR

Diferentemente do que foi publicado na página 8 da edição de março do JU, quem ocupa o cargo de Pró-reitora de Planejamento da UFRGS é a professora Maria Aparecida Grendene de Souza.

## Memória da UFRGS

ACERVO PLANETÁRIO DA UFRGS



1971  
1972

A construção do Planetário José Baptista Pereira teve início em 1971, mediante acordo entre a UFRGS e a Prefeitura de Porto Alegre. O prédio foi inaugurado em novembro de 1972 e, desde então, funciona como órgão de complementação de ensino e de divulgação da Astronomia.

## Artigo

# Cadê a placa que estava aqui? Cidadania e preservação do patrimônio

Normalmente, quando se fala em preservar o meio ambiente, a tarefa é instantaneamente associada à implementação (por parte do Estado) de ações para despoluir os rios, combater as queimadas, policiar as florestas, proteger as espécies em extinção, etc. No entanto, tão grave e, infelizmente, tão frequente quanto o desmatamento é a dilapidação que vem sofrendo o patrimônio histórico de muitas cidades brasileiras.

O meio ambiente é um bem constitucionalmente tutelado (vide Art. 225 da Constituição Federal de 1988), e tal proteção abrange tanto a flora e a fauna como os monumentos que compõem o espaço urbano. Roubar placas comemorativas, ornamentos em bronze,

pichar construções históricas, saqueá-las e/ou danificá-las é tão gravoso ao ambiente quanto praticar crueldade com animais e emitir monóxido de carbono.

É muito fácil atribuímos ao Estado o dever de cuidar de tudo e de todos, esperando que os problemas sejam resolvidos. O Estado somos nós. Ele é criado pelo ser humano para auxiliar e servir o ser humano. A cidadania, contudo, exige que tenhamos atitudes contínuas de participação consciente na sociedade e para a sociedade.

Tomemos como exemplo a crise em que se encontra a representação política brasileira. Como a própria denominação acusa, os representantes *representam* algo... Para termos o Estado que queremos, é

preciso agir para que ele se torne realidade.

A ação necessária à consolidação de um Estado que melhor atenda a todos começa, também, pelo respeito ao patrimônio histórico e pela sua preservação. Os monumentos, afinal, são o elo entre o que somos e o que fomos, e ajudam a compor a identidade cultural, política e social do povo. Jamais teremos solidificadas as bases necessárias à construção do falacioso "país do futuro" se estas permanecem alicerçadas em uma sociedade cujos valores expressam o desapego e o descaso ao seu passado.

Ignorar a degradação do ambiente público, urbano e histórico é permitir que nossa identidade se perca e, também, que o déficit democrático latente na atualidade aumente cada vez mais.

Mas o descaso está aí e as perspectivas não são as melhores. Do jeito como as coisas andam, não duvido que até setembro, quando começarem os preparativos para as comemorações da *Semana Farroupilha*, o General Bento Gonçalves e seu fiel cavalo tenham partido de seu pedestal (na Avenida João Pessoa) em busca de terras mais seguras e de um povo que saiba honrar e preservar a sua história.

### Carlos Artur Gallo

Advogado, estudante de Ciências Sociais e especializando em Direito Internacional pela UFRGS - E-mail: galloadv@gmail.com

## Vestibular UFRGS estuda concurso em duas fases para 2011

A proposta apresentada pelo Ministério da Educação (MEC) de fazer uma modificação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), utilizando-o como forma de seleção para o ingresso nas universidades federais, está em análise por uma equipe técnica da UFRGS. A informação foi divulgada pelo reitor Carlos Alexandre Netto em entrevista coletiva à imprensa realizada em 14 de abril.

Acompanhado de seu vice-reitor, Rui Vicente Oppermann, ele esclareceu que o Enem poderá ser usado de duas maneiras: substituindo completamente os exames vestibulares e transformando-se na única forma de seleção (a exemplo do que decidiram outras instituições gaúchas, como a Unipampa e a UFCSPA); ou como uma primeira fase do concurso vestibular.

Destacando o fato de que o vestibular, nos moldes atuais, existe como uma alternativa ante a insuficiência de vagas nas universidades federais para os egressos do ensino médio, Netto ressaltou que a aprovação neste concurso significa classificação, e não exame de suficiência do ensino médio. Esse exame seria o Enem, base da proposta do MEC.

O professor salientou o universo diversificado das 59 instituições federais de ensino superior do país, cada qual com um nível de desenvolvimento. Nessa perspectiva, lembrou que a UFRGS tem 75 anos e que seu concurso vestibular atingiu um nível de qualidade e de confiabilidade que precisam ser levados em conta em qualquer decisão que venha a ser tomada.

Conforme o reitor, neste momento não há como a UFRGS utilizar o novo Enem como a única forma de sele-

**Reitor e vice-reitor disseram que proposta do MEC está sendo analisada por equipe técnica**



ção, por isso a Universidade está começando a discutir um vestibular em duas fases, com início previsto para 2011. “Seria mais ou menos o que é feito pelas universidades paulistas: uma primeira fase com questões de múltipla escolha, ou de escolha simples; e uma segunda, com questões discursivas.” No entanto, como a discussão da proposta está iniciando, não poderá ser adotada qualquer mudança para o vestibular de 2010.

“Estamos elaborando, na administração central, uma

proposta de utilização do Enem como parte do nosso concurso vestibular”, disse ele, acrescentando que o documento deverá ser submetido ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) e ao Conselho Universitário (Consun), que são as instâncias superiores que legislam sobre os grandes temas da Universidade.

A decisão da UFRGS deverá ser definida até julho, uma vez que o lançamento do edital do vestibular 2010 ocorrerá no início do segundo semestre deste ano.

### Parceria RedeIFES se expande no Rio Grande do Sul

Em abril, profissionais de comunicação da UFRGS, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) reuniram-se na UFRGS para discutir a consolidação regional da RedeIFES, ligada à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Iniciado em 2003, o projeto pôs em funcionamento no ano passado um sistema para a permuta de programas de rádio e TV produzidos nas instituições federais de ensino superior em todo o país. O coordenador de pesquisa do projeto, professor Carlos Rocha (UFPR), veio a Porto Alegre especialmente para acompanhar a reunião. Graças à Rede, a UFRGS TV, que exibe programas de outras universidades desde outubro de 2007, quando se iniciou a fase de testes, agora se prepara para incluir suas próprias produções no sistema. Em 2008, a RedeIFES iniciou um projeto de integração entre as ações da Andifes, da Rede Nacional de Pesquisa, do MEC e do MCT.

### Integração HCPA ganha Núcleo de Telemedicina e Telessaúde

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) inaugurou, em 25 de março, o seu Núcleo de Telemedicina e Telessaúde, integrado à Rede Universitária de Telemedicina (Rute). Na mesma data entraram em funcionamento os núcleos localizados nos hospitais da Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Amazonas e Fundação Universitária Federal do Rio Grande. Sob a coordenação do professor Renato Seligman, o núcleo desenvolve atividades como o ensino a distância para o programa de residência médica, o curso interativo de técnica cirúrgica básica e o projeto de teledermatologia. Mais informações pelo telefone 2101-8616 com Gustavo ou Marcos.

### Açorianos de Música Professores do IA são premiados

Os professores Eloy Fritsch e Daniel Wolff do Departamento de Música do Instituto de Artes conquistaram o Prêmio Açorianos de Música 2009. Compositor, tecladista e pesquisador, Eloy Fritsch recebeu Menção Honrosa pelo DVD “Música Eletrônica e Computacional” e pelo livro “Música Eletrônica – Uma Introdução Ilustrada”, lançados pela Editora da UFRGS com recursos do Programa Pesquisa em Sala de Aula, da Pró-reitoria de Pesquisa. Daniel Wolff recebeu a Menção Especial do Prêmio Açorianos pelo projeto Sarau no Hospital, criado e coordenado por ele no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A iniciativa, desenvolvida como um projeto de extensão da Universidade desde 2006, já proporcionou recitais e oficinas musicais a mais de 2.000 pacientes. A entrega dos prêmios ocorreu no Theatro São Pedro no dia 28 de abril.

### Salões Graduação e Ensino a Distância

Com o objetivo de apresentar as experiências de ensino-aprendizagem dos cursos de graduação e dos projetos de educação a distância desenvolvidos na Universidade, serão realizados, de 27 a 29 deste mês, o 4.º Salão de Graduação e o 5.º Salão de Educação a Distância da UFRGS. Os eventos são uma iniciativa conjunta da Pró-reitoria de Graduação e da Secretaria de Educação a Distância. No Salão de Graduação, estão previstos relatos de experiências de Estágios de Docência, atividades desenvolvidas no Programa de Educação Tutorial (PET), Monitoria, Estágios, Internatos, Mobilidade Acadêmica, Monografias e Trabalhos de Conclusão, além da apresentação de pôsteres. Já o Salão de EAD irá promover painéis para discutir a produção realizada na Universidade, enfatizando os enfoques pedagógicos e técnicos no desenvolvimento de materiais para o ensino a distância. Também serão apresentados relatos de experiências docentes e discentes, de tutoria e monitoria, bem como uma mostra virtual e de pôsteres. Todas as atividades serão desenvolvidas no Câmpus Centro da UFRGS, e mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3308-3604 e 3308-4550.

### Portas Abertas Universidade prepara edição 2009

No próximo dia 16, salas de aula, bibliotecas, laboratórios, centros de pesquisa, espaços de convivência, cultura e lazer da Universidade estarão abertos para que a comunidade possa conhecê-los durante a sétima edição do UFRGS Portas Abertas. A coordenação do evento, juntamente com professores, servidores técnico-administrativos, estudantes e a direção de cada unidade acadêmica, preparou extensa programação a ser desenvolvida ao longo do dia. Público em geral, escolas e grupos de visitantes serão recebidos por monitores, que irão apresentar as muitas atividades da Universidade. Mais detalhes podem ser obtidos no site [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)

### Jovem Cientista Prêmio destaca trabalhos de energia e meio ambiente

O XXIV Prêmio Jovem Cientista tem como tema “Energia e Meio Ambiente – soluções para o futuro”. Nesta edição, o foco será o estudo, o desenvolvimento e o uso de energias alternativas, estimulando a produção e o consumo dessas fontes de energia de maneira sustentável, de forma a suprir as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações atenderem também às suas próprias. Cinco categorias serão premiadas: Graduado, Estudante de Ensino Superior, Estudante de Ensino Médio, Orientador e Mérito Institucional. Também está prevista uma Menção Honrosa para um pesquisador que tenha se destacado por sua trajetória na área relacionada ao tema do prêmio. Além da premiação em dinheiro e equipamentos, os três primeiros colocados de cada categoria ganharão bolsa de estudo do CNPq. As inscrições podem ser feitas até 31 de julho pela Internet ou pelos Correios. O regulamento do prêmio e a ficha de inscrição estão disponíveis no endereço [www.jovemcientista.cnpq.br](http://www.jovemcientista.cnpq.br).

### Infraestrutura Gráfica recebe novo equipamento



A partir deste mês, a Gráfica da Universidade coloca em operação a sua CTP (sigla em inglês para *Computer to Plate*), máquina que elimina a etapa do fotolito no processo de impressão. O novo equipamento evita o uso de substâncias químicas poluentes, consome menos energia e garante mais qualidade ao produto final. Graças à aquisição, a impressão de materiais, como o *Jornal da Universidade*, deixa de depender de serviços terceirizados e ganha maior agilidade.



**UFRGS TV**

### Conselho Universitário Onde as divergências convergem

Redação UFRGS TV

Embora fique em evidência em momentos de maior polêmica, como durante a votação do projeto que estabeleceu a política de cotas na Universidade, o Conselho Universitário (Consun) está sempre discutindo assuntos de interesse da comunidade acadêmica.

Órgão máximo com funções normativas, deliberativas e de planejamento da Universidade, o Conselho tem sua estrutura e composição determinadas pelo Regimento Geral da UFRGS, que estabelece também seu número de membros: “Os diretores são membros natos, independentemente do número de unidades da Universidade, que hoje são 29. Os demais docentes, os técnicos e os discentes são escolhidos em função da Lei de Diretrizes e Bases, que determina que haja no mínimo 70% de docentes em qualquer órgão administrativo da Universidade. Os técnicos e os discentes compõem os outros 30%”, explica Mara Campani, secretária do Consun.

Para o conselheiro Rafael Lemes Vieira da Silva, representante dos estudantes, todos aqueles que constroem a universidade devem estar representados nas suas instâncias deliberativas: “Quando a gente vê docentes, servidores e estudantes construindo a universidade efetivamente, com projetos de pesquisa, ensino e extensão, eles têm de estar incorporados para que suas demandas sejam efetivadas”.

O Consun se caracteriza por ser um espaço marcado pela diversidade de ideias e opiniões, muitas vezes divergentes. De acordo com a conselheira Jane Tutikian, diretora do Instituto de Letras, apesar dessas divergências quem ganha é a Universidade: “Nós temos de pensar que uma universidade é o local, por excelência, das ideias contraditórias, das grandes discussões e dos grandes debates”, diz ela.

“O que fazemos é um grande exercício de democracia. As questões são discutidas e deliberadas conforme o entendimento do Conselho”, salienta o reitor da UFRGS, professor Carlos Alexandre Netto, que preside o órgão.

Na opinião do conselheiro Ubayar Carbonell Closs, representante dos servidores técnico-administrativos, o Consun “é um órgão propositivo das políticas da Universidade, analisando a proposta de atuação de uma determinada gestão ou as políticas de longo prazo”.

### Assista aos programas

Para entender melhor o Consun e para conhecer as ideias e opiniões de alguns de seus membros, assista ao programa *Conhecendo a UFRGS*, que vai ao ar no dia 12 de maio, a partir das 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.



# Água: conhecimento, habilidade e atitude

Dieter Wartchow\*

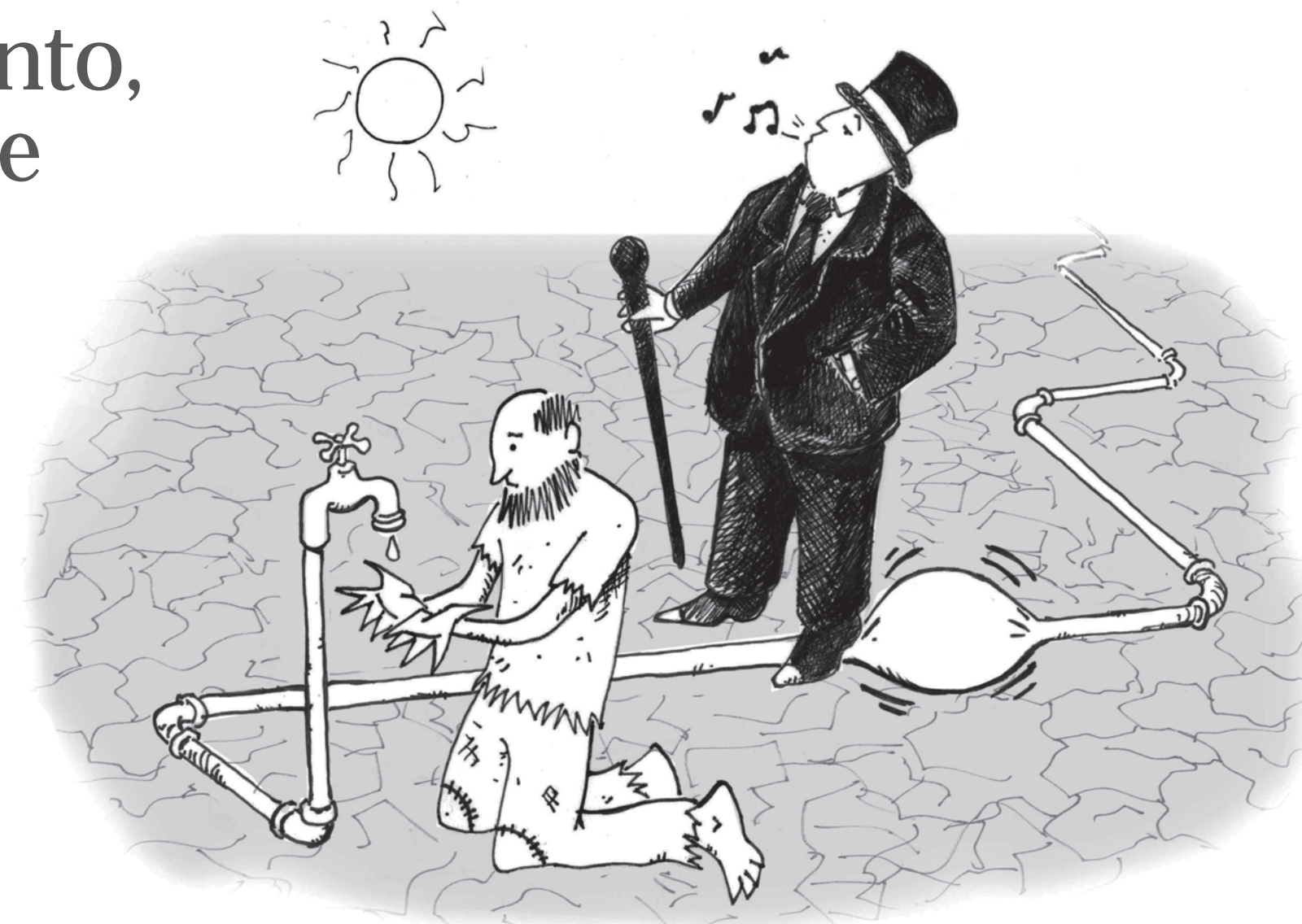
O Dia Mundial da Água foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 22 de março de 1992. Na Declaração Universal dos Direitos à Água, em seu Art. 2.º, é dito que essa substância natural é a seiva do planeta. Ela é a condição essencial de vida de todo ser vegetal, animal ou humano. O direito à água é um dos direitos fundamentais: o direito à vida, tal qual estipulado no Art. 3.º da Declaração dos Direitos do Homem.

Portanto, em março, o mês das águas, fomos convidados a comemorar e a refletir sobre a importância desse bem e sua relação com o modelo de desenvolvimento sustentável que precisamos empreender. Comemorar é um termo forte, pois é tempo de aprender, entender, ensinar sobre esse elemento que, segundo Platão, é o princípio da vida.

Acreditando que nossa Universidade deve formar conhecimento e difundi-lo, integrar-se nesse tão importante debate, não podemos nos furtar de participar dessa construção do pensamento nos âmbitos local e global.

Em palestra na conferência “Cambios políticos en Latinoamérica - Nuevas políticas del agua?”, realizada entre os dias 26 e 29 de novembro na cidade do México, foram discutidos os desafios para uma gestão participativa e para a democratização do acesso à água potável e aos serviços de saneamento básico de qualidade. Ainda há muitos “donos” da água, mesmo se sabendo que, por ser um direito, ela a todos pertence. O grupo participante do evento patrocinado pela Fundação Heinrich Böll, constituído por segmentos da sociedade civil, deliberou ratificar a água como essencial à vida, portanto um direito humano e um bem comum. Se a abordagem até a pouco estava centrada no acesso à água potável e ao seu financiamento, o contexto das mudanças climáticas e dos riscos à sustentabilidade ambiental faz com que sejam adotadas nova compreensão e postura em torno dessa temática. As intervenções no ciclo natural da água causam desequilíbrios e extremos climáticos de períodos secos ou de cheias. Da civilização se exigirá um tratamento menos corporativo, consumista, mercadológico, especulativo, e mais solidário e responsável.

A sociedade civil combativa somente consegue apresentar suas posições antagônicas às da “Global Water Partnership (GWP)” nos fóruns mundiais paralelos. A GWP representa os “barões da água”, que fomentam os Fóruns Mundiais da Água, ditam regras e submetem governos. No Fórum Mundial da Água, realizado no mês passado na Turquia, a polícia dispersou ativistas que pretendiam participar das discussões oficiais. Nesse encontro em que foram discuti-



**“Pessoas que não poderão pagar o preço terão dificuldades de acessar um direito universal e ficarão reféns de posturas paternalistas”**

dos aspectos relacionados à divisão da água, principalmente em zonas de conflito, o Brasil aliou-se à posição defendida pelas maiores companhias privadas do setor hídrico, ao tratar a água como uma “necessidade básica”, e não como um “direito humano básico”. Tal decisão causou mal-estar entre vários países latino-americanos. Recomendamos, para o bem do Brasil, mais transparência, um debate democrático e soberania nessa questão estratégica para o povo brasileiro.

A água deve unir pessoas, territórios, direitos, e não dividi-los. Os homens não podem dividir a água, um bem comum, finito, direito humano, a seiva da vida. Não podem ficar, de um lado, governos, ou quem os representa, e instituições ou corporações privadas que defendem a água como um bem de mercado ou um serviço regulado pelos tratados comerciais e, de outro, as entidades civis organizadas, que defendem a participação dos cidadãos e a gestão

pública e democrática dos serviços de saneamento básico e dos recursos hídricos. Recursos hídricos, cuja unidade de planejamento é a bacia hidrográfica, relacionam território, disponibilidades, demandas, usos e sua gestão. Ambos, água e recursos hídricos, são indissociáveis. Pela sua importância e se considerando os cenários de abundância ou escassez, são alvos de disputa de poder. Quando abundantes, transformam água em celulose e papel, ou a utilizam para a produção de grãos e a pecuária. A guerra de mercado pela água invisível é iminente. Disputa-se o poder econômico sem considerar os limites e as leis da natureza e do conhecimento. Não há garantias de distribuição de renda, e as metas mundiais para a redução da pobreza não passam de uma falácia.

Preocupada com o déficit de pessoas sem água segura e saneamento no mundo, e com o cumprimento das metas de desenvolvimento do milênio, a ONU, por meio da UN-Habitat, constituiu uma aliança global entre os operadores dos serviços de água e saneamento, tendo como diretriz fortalecer as parcerias público-público. Também nesse importante foro decisório estaremos representando a UFRGS e o Brasil.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, em seu documento Visão 21, se estimou em US\$ 225 bilhões a necessidade de investimentos nos próximos 25 anos para terminar com a sede da população mundial. É muito menos do que os estimados 1,5 trilhões de dólares de recursos públicos destinados pelos países em ajuda a bancos e grandes empresas privadas, cujas garantias para resolver a crise que mais afeta o cidadão são pifias. Essa matemática é perversa

para com a saúde dos homens e mulheres, apesar das reiteradas afirmativas de que, para cada real investido em saneamento básico, se economizam quatro reais com o tratamento de doenças de veiculação hídrica.

Empresa alguma está no negócio da água para ministrá-la e fazer filantropia, mas sim para tirar proveito econômico. Alcançar água social subsidiada para a população de baixa renda é uma tarefa dos governos, dizem os dirigentes empresariais, que indiretamente pensam em socializar o problema e oportunizar um mercado que ultimamente tem demonstrado nenhuma ética e muita especulação. Pessoas que não poderão pagar o preço terão dificuldades de acessar um direito universal e ficarão reféns de posturas paternalistas.

Um enfoque da água como bem comum, por outro lado, implicaria atuar no sentido contrário aos interesses econômicos. Todos esses ingredientes e a passividade da sociedade deverão dar lugar ao conhecimento ético, à habilidade de compreender e à atitude de aprender. Como as fronteiras do pensamento dominante avançam sobre nossas mentes, culminando na apropriação de um ambiente natural a ser preservado, recomendamos a discussão e a elaboração de novos conceitos em nossas escolas e universidades. Quebrar paradigmas é necessário. A água e a vida agradecerão.

\* Professor Adjunto do DOH-IPH/UFRGS  
dieterw@iph.ufrgs.br

## Saneamento e saúde pública

Antônio D. Benetti \*

A Revista Britânica de Medicina (BMJ) solicitou a seus leitores que indicassem, de uma lista de 15 opções, o avanço científico que acreditassem ter trazido maior benefício à saúde pública. A vencedora da enquete foi a distribuição de água potável e a coleta de esgotos sanitários (15,8%), seguida da descoberta de antibióticos (15%), do desenvolvimento da anestesia (14%), da introdução de vacinas (12%) e da descoberta da estrutura do DNA (9%).

Até a implementação da chamada “revolução sanitária” – como ficou conhecida a introdução de sistemas de água potável e coleta de esgotos – as cidades eram locais terrivelmente insalubres, sujeitas a frequentes epidemias de doenças contagiosas. Uma luz sobre o problema foi trazida pelo médico inglês John Snow. Em 1854, du-

rante uma epidemia de cólera em Londres, Snow provou que pessoas adquiriam a doença após consumirem água contaminada de um poço público. O micro-organismo causador do cólera, *Vibrio cholerae*, só viria a ser isolado em 1883 pelo médico alemão Robert Koch.

Coube a um conterrâneo de Snow, o advogado Edwin Chadwick, o pioneirismo na ideia de implantar redes de distribuição de água e de coleta de esgotos nas cidades como método preventivo de aquisição de doenças. As propostas de Chadwick enfrentaram forte oposição, e o progresso do saneamento das cidades continuou lento até o início do século 20. Nos Estados Unidos, por exemplo, o processo de desinfecção da água com cloro teve início somente em 1908 na cidade de Chicago. Ao longo do século 20, a infraestrutura sanitária cresceu rapidamente nas

cidades dos países desenvolvidos, possibilitando, então, o controle das epidemias.

Em países mais pobres, a falta de saneamento é a realidade de centenas de milhões de pessoas, muitas das quais vivem em condições sanitárias piores do que aquelas experimentadas por nossos antepassados de 2 mil anos. Essas pessoas estão sujeitas a doenças como cólera, hepatite A, febre tifóide e esquistossomose, sem falar em diarreias que vitimam 1,5 milhão de crianças por ano no mundo. No Brasil, houve grande avanço na cobertura de água potável das cidades, mas os serviços de coleta e tratamento de esgotos são deploráveis. Como consequência, a maioria dos rios brasileiros que cruzam áreas urbanas se transformou em cloacas e agentes transmissores de doenças.

O impulso inicial para o saneamento das ci-

dades deu-se com as descobertas de Snow, Koch, Pasteur e outros cientistas que comprovaram que micro-organismos são agentes de doenças e que estas podem ser transmitidas por água contaminada. No início do século 21, os desafios de manter e ampliar os serviços de saneamento são enormes. Em muitos locais, há escassez de água, e novos contaminantes biológicos e químicos são continuamente detectados em ambientes aquáticos. Investimentos em ciência e tecnologia e adoção de políticas públicas que priorizem o saneamento são meios de garantir que as cidades não serão centros irradiadores de epidemias.

\* Professor de Saneamento Ambiental do IPH/UFRGS

## Lançamento

### “Dicionário Internacional da Outra Economia” é fruto do trabalho de pesquisadores de vários países

Ânia Chala

Durante o 1.º Fórum Social Mundial, realizado em 2001 em Porto Alegre, experiências do mundo inteiro envolvendo a economia solidária tiveram grande visibilidade. Antonio David Cattani, professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, recorda que, naquela ocasião, verificou-se um desencontro de terminologias e experiências que não eram comparáveis. “O cooperativismo do qual falávamos era diferente do cooperativismo empresarial que vigorava em alguns setores. Na esteira do Fórum, realizamos uma série de seminários no Rio Grande do Sul. Assim, articulou-se uma equipe altamente competente e diversificada, que começou a clarificar conceitos sobre experiências inovadoras como a das cooperativas e das redes solidárias.”

O resultado dessas discussões foi o lançamento, em 2003, do livro *A outra economia*, durante o Fórum Social daquele ano. Embora houvesse estudos sobre alternativas ao capitalismo, conduzidos por Paul Singer e outros autores, não existia nada semelhante no mercado editorial, e a obra foi um sucesso rápido, porque as pessoas procuravam comparar termos e clarificar conceitos. E aí começa uma história extraordinária.

**Trajatória internacional** - O livro foi imediatamente traduzido para o espanhol e lançado na Argentina, esgotando-se rapidamente. “Nesse meio tempo, encontrei o professor Jean-Louis Laville, autoridade mundial no tema da economia alternativa. E ele propôs que, a partir da edição brasileira, fizéssemos uma edição ampliada em francês. Então, o *Dictionnaire de L'autre économie* foi publicado por duas editoras conceituadas, uma delas a Galimard. A obra teve duas edições praticamente esgotadas de 8 mil exemplares, um número muito bom mesmo na França, pois livros acadêmicos não vendem muito”, lembra Cattani.

A partir da publicação francesa, houve uma edição italiana que também alcançou boa repercussão. “Depois disso, procurei os professores Luiz Inácio Gaiger, da Unisinos, pesquisador com várias publicações nessa área, e Pedro Hespanha, integrante da equipe de Boaventura de Sousa Santos. Partimos então para a organização de uma edição internacional com mais de 50 autores europeus, latino-americanos e africanos”, diz o sociólogo.

O *Dicionário Internacional da Outra Economia* foi lançado pela editora Almedina, de Coimbra (Portugal), e, de novo, a trajetória correspondeu à dinâmica do tema do livro: ele foi simbolicamente lançado no início deste ano, na edição do Fórum Social Mundial em Belém, e também em um congresso luso-afro-brasileiro na cidade de Braga, em fevereiro. Houve um lançamento em Porto Alegre e em São Leopoldo, no mês de março. Cattani adianta que, em maio, a obra chegará às livrarias de Moçambique e, nos próximos meses, estará disponível também em Recife, São Paulo, Joinville, Florianópolis, Juazeiro, Petrolina, Manaus e Brasília. No segundo semestre, será a vez de ocupar espaço na Feira do Livro de Porto Alegre. “A melhor parte é que, junto com o economista José Luis Coraggio, já estamos elaborando um *Dicionário Latino-americano da Outra Economia*.” Segundo Cattani, a nova publicação agregará partes desta edição e contribuições de autores latino-ame-



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

# Obra traz alternativas à economia capitalista

ricanos, com lançamento previsto para agosto, em Buenos Aires, durante o congresso da Associação Latino-americana de Sociologia.

O sociólogo também está preparando, por meio de uma parceira com outros colegas interessados na economia solidária, um guia para a cidadania mundial, que não se limita à ideia de esfera econômica, abrangendo conceitos como consumo consciente, comércio justo, sustentabilidade e preservação ambiental.

**Capitalismo autêntico** - Desde o final dos anos 90, o mundo observou um aumento extraordinário das desigualdades. O capitalismo estava em processo de expansão globalizada, atingindo todos os países e, ao mesmo tempo, os problemas essenciais continuavam os mesmos e, em alguns casos, até agravados, pois havia uma forte concentração de renda. Cattani salienta que o quadro era resultado do modelo do capitalismo autêntico, sem freios, que alguns chamam de capitalismo selvagem. “Ele não aceita controles estatais, explora a mão de obra ao máximo em qualquer lugar do mundo, quer liberdade para circular e aproveitar vantagens tributárias sem qualquer comprometimento com o local ou com uma identidade de país. É um capitalismo que não tem compromisso com a vida. Um exemplo são as papelarias que saem dos países nórdicos e se instalam no sul para destruir os recursos que ainda temos. Daqui a 21 anos, quando a terra estiver devastada, eles irão embora para outro lugar”, avalia.

Por outro lado, o final da década de 90 também registrou o surgimento de uma economia diferente, com a proliferação de experiências reais no campo do cooperativismo e da autogestão de empresas com o rótulo genérico de economia solidária. As universidades começaram a se envolver com esses projetos, buscando a incubação desses empreendimentos que são regidos por lógicas não convencionais.

**Viver no coletivo** - Um dos 58 verbetes presentes no dicionário é o que trata dos chamados bens públicos mundiais. Cattani explica que esse é um conceito novo aplicado às coisas que são comuns à humanidade. Existem bens que são de todos, portanto não podem ser objeto de exploração de interesses privados, localizados ou nacionais. “É bem a ideia que o Fórum Mundial sempre explorou: as fronteiras são convenções, a poluição na para na fronteira dos Estados Unidos com o México; a poluição europeia alcança a África, o Ártico e outros continentes.”

O professor ressalta que tudo o que diz respeito à economia solidária engloba também o conceito de sustentabilidade. A economia solidária trabalha localmente, envolvendo parcerias específicas com os órgãos públicos e não tem comparação com uma média empresa ou uma corporação que por estratégias diversas se instala num determinado ponto, corrrompe, polui e vai embora. “Grandes empresas dissimulam seus objetivos através de estratégias de marketing. Um exemplo recente é a propaganda de um banco norte-americano que veicula imagens de monumentos de grandes cidades, como Paris, seguidas de monumentos porto-alegrenses, como a Catedral das Dores e o Monumento ao Expedicionário. Trata-se de um engodo, porque tenta vender a ideia de que aquele banco é local, é gaúcho. Tudo isso é de uma falsidade completa, pois esses empreendimentos estão instalados aqui à custa de isenções fiscais e da exploração da mão de obra barata. Eles não têm qualquer apego aos locais onde se instalam, o que é próprio do capitalismo”, conclui.

Já a economia solidária tem vínculo com o respeito à terra, com uma ideia de valorização humana que não é uma abstração: significa trabalho decente e bem remunerado, sem despotismo fabril e sem disciplina alienante. “Na edição de março do Jornal da Universidade um dado interessante apareceu na reportagem sobre os problemas do trânsito: independentemente dos incentivos do governo para a compra de carros novos, há a tendência ao individualismo, à negação do espaço. As pessoas se isolam em suas casas e em seus carros. O trânsito é regido por uma lógica individualista. A ideia do solidário é pensar em como viver juntos com qualidade de vida. Não é negar o progresso, mas buscar uma outra dimensão para a fruição dos bens. Viver no coletivo significa abolir um tipo de consumo e um modo de vida que são inviáveis”, finaliza o professor.

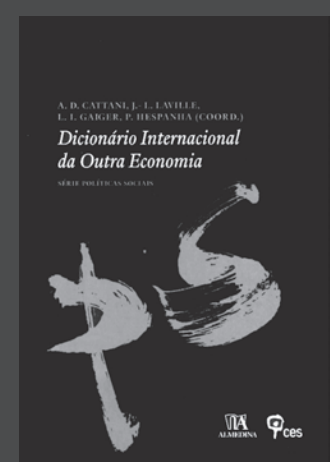
## Economia solidária ainda não se consolidou nas universidades

O *Dicionário Internacional da Outra Economia* foi organizado por quatro pesquisadores ligados a universidades, assim como quase todos os autores dos verbetes.

Na opinião do professor Antonio David Cattani, um dos organizadores, esse tipo de publicação corresponde à ideia de uma universidade pública, produtora de um tipo de conhecimento que seja útil para a sociedade como um todo. Ele informa que a UFRGS tem um trabalho bem forte no Núcleo de Economia Alternativa (NEA), coordenado pelo professor Carlos Schmidt, da Faculdade de Ciências Econômicas, que desenvolve experiências reais em torno de redes, da ação solidária e da incubação de empreendimentos. “Mas não dá para dizer que esse é um tema consolidado nas universidades. Acho que estamos muito longe de atender a questões do interesse de uma outra economia. Um exemplo é o fato de que esses temas ainda não foram incorporados à formação dos alunos dos cursos de Economia, Administração, Direito e das Ciências Contábeis. Esses cursos formam profissionais dentro da lógica do modelo em vigor.”

Cattani acredita que a economia solidária precisa construir outros referenciais, pois a lógica do capitalismo estimula o consumo obsessivo, utilizando ferramentas como o marketing. “Hoje as pessoas compram lixo importado sem qualidade e não valorizam a produção local, quando nas feiras de economia solidária há produtos melhores e que geram mais renda. Tudo passa pela formação da opinião pública e a Universidade Pública tem legitimidade para fazer isso”, diz ele, acrescentando que é preciso pensar numa outra lógica de consumo.

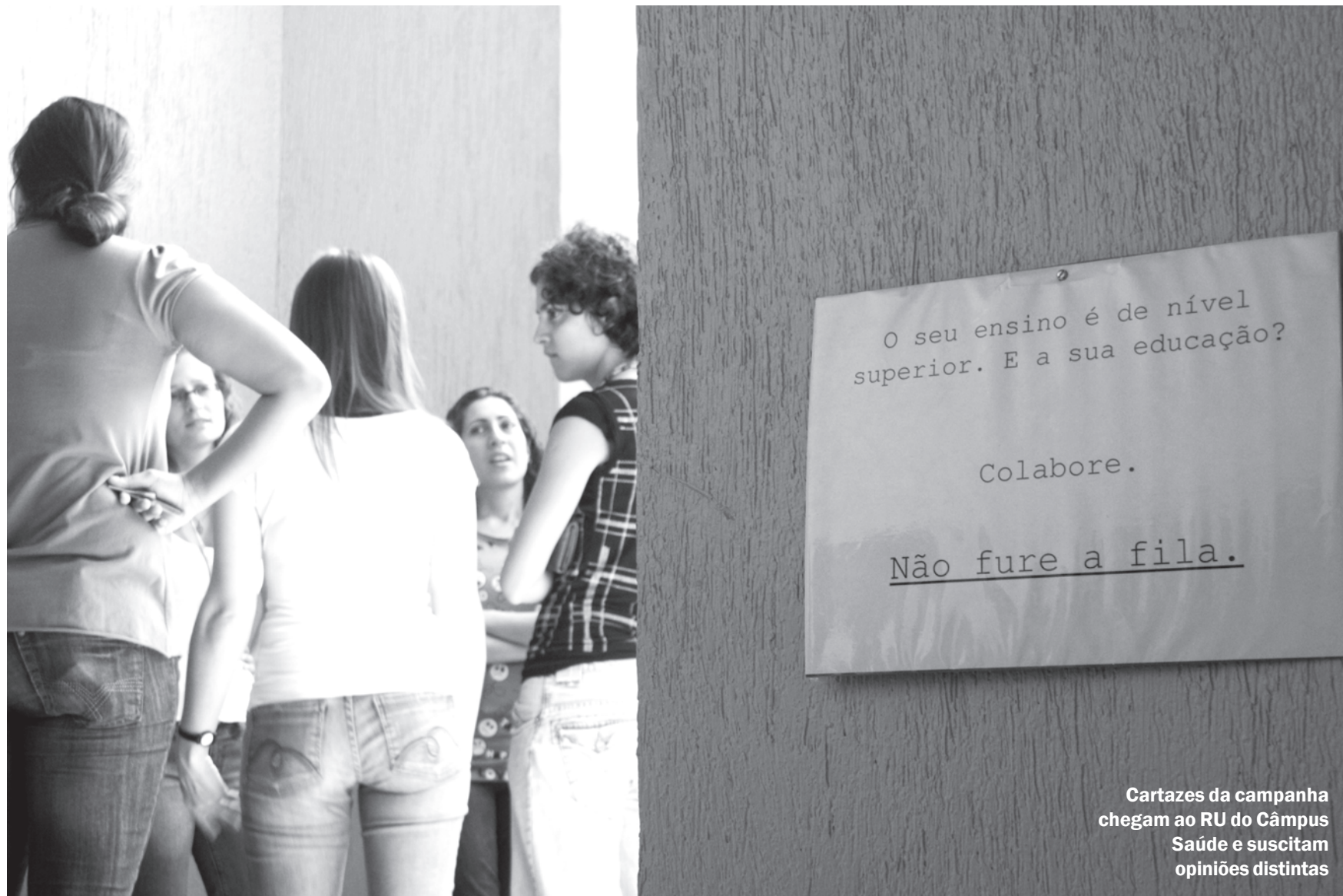
### DICIONÁRIO INTERNACIONAL DA OUTRA ECONOMIA



Antonio David Cattani, Jean-Louis Laville, Luiz Inácio Gaiger e Pedro Hespanha (orgs.).  
 Editora Almedina, 2009,  
 352 págs.  
 Preço médio R\$ 50



# Campanha de combate ao furo



Cartazes da campanha chegam ao RU do Câmpus Saúde e suscitam opiniões distintas

## Restaurantes Universitários Movimento organizado por alunos busca conscientizar usuários

No início das aulas deste semestre, estudantes do Câmpus do Vale afixaram no caminho para o Restaurante Universitário (RU) seis placas de madeira alertando para os prejuízos da entrada irregular de pessoas na fila (popularmente conhecida como *furo*), desobedecendo à ordem de chegada. Segundo os cartazes não assinados, quem *fura* causa transtornos aos demais frequentadores do RU. Em quatro dias, os avisos foram retirados sem motivo aparente e recolocados pelos idealizadores do movimento.

**Organização da campanha** - Ao ingressarem na Universidade, Jessé Sangalli de Mello e Maurício Redaelli, alunos do curso de Física, observaram o constante hábito do *furo* nos restaurantes. Passados alguns semestres, eles concluíram que, se ninguém reclamasse, a prática não seria abolida. Resolveram, então, conversar com colegas e amigos de diversos cursos e perceberam que não eram os únicos incomodados com a situação. Em setembro de 2008, criaram uma comunidade em um site de relacionamentos intitulada "Eu ã furo a fila do RU (UFRGS)", que até o dia 29 de abril contava com 81 membros.

A partir da comunidade e das conversas que realizavam na faculdade, a iniciativa ganhou o apoio de

outros estudantes. "O objetivo é passar adiante a ideia para que as pessoas se conscientizem dos danos", explica Jessé. "Por meio das abordagens e da discussão na comunidade, percebemos que alguns *furam* só porque todo mundo faz. Torna-se algo natural." A intenção era mostrar que, sem a entrada irregular, o andamento da fila não apresentaria contratempos.

Com autorização da coordenação dos restaurantes universitários, Jessé e Maurício escolheram seis textos que promovem a reflexão e os distribuíram pelo Câmpus. Como sabiam da delicadeza do assunto, esperavam que as placas fossem arrancadas já no primeiro dia. No entanto, elas resistiram até o quarto. "Depois de quatro dias, duas foram arrancadas. No quinto, mais três. A tristeza inicial transformou-se em motivação, pois estávamos atingindo as pessoas certas", lembra Jessé. Os cartazes foram encontrados e novamente afixados.

Os protagonistas do movimento demonstram surpresa com a rápida repercussão da campanha, já que as reclamações no Vale diminuíram consideravelmente. Mas ponderam: "Não sabemos ao certo se os protestos diminuíram porque os casos também diminuíram ou porque as pessoas percebem que algo está sendo feito. Seja qual for o motivo, estamos muito felizes".

Apesar de a iniciativa ter partido de alunos, ela não é vinculada ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). "Esse é um movimento independente, nós não fomos contatados", esclarece o coordenador-geral do DCE, Glauco Araujo. "Reconhecemos a importância de ações desse tipo porque também não somos a favor dos *furos*. Contudo, o problema das filas superlotadas só vai acabar quando os restaurantes universitários forem apropriados à demanda."

**Apoio institucional** - A Universidade, em várias ocasiões, já tentou minimizar esse problema. Porém, como afirma o diretor da Divisão de Alimentação da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), Paulo Peres, "essa é uma questão cultural, de educação, não temos como controlar".

Para o vice-secretário de Assistência Estudantil, Alberto Cossio, "a iniciativa é muito importante, e vamos apoiá-la da melhor maneira possível". Esforços estão sendo fei-

## Alguns frequentadores insistem em não utilizar os cartões de identificação, o que causa demoras maiores na hora do pagamento

tos não só em relação à espera pela refeição, mas também para a melhoria dos serviços oferecidos. A recente reforma do RU1, no Câmpus Centro, aumentou em 150 lugares a capacidade do restaurante. "O problema não é só esse, mas também a falta de colaboração de algumas pessoas. Elas insistem em não utilizar os cartões de identificação, preferindo informar o número de matrícula, o que causa demoras maiores na hora do pagamento", continua Peres. Segundo ele, a Universidade investiu na aquisição de leitoras de código de barras para agilizar o atendimento, instaladas no final de 2008.

A campanha também tem recebido o apoio dos servidores e docentes da instituição que utilizam os restaurantes. Jessé conta que "eles

nos procuram, dizendo que há muitos anos a comunidade espera por uma atitude dessas".

**Argumentos contrários** - Nem todas as manifestações, porém, têm sido de apoio. Estudantes afirmam ser justificada a prática, que não prejudica os colegas. Para Juliano de Leon Viero Marques, graduando do 5.º semestre do curso de História da UFRGS, o hábito é compreensível. "Desde que entrei na faculdade, observo que, frequentemente, as pessoas *furam* ao avistarem alguém conhecido. Não vejo qualquer problema, já que é preferível consumir refeições com uma companhia agradável a comer sozinho."

Juliano conta que já *furou* e não vai abandonar o costume: "Já entrei na fila diversas vezes, mas também já *furaram* à minha frente, e eu nunca me incomodei. Por isso, sou contrário à campanha".

Assim como Juliano, diversos alunos não se importam com esse comportamento, e alguns o defendem como legítimo. Na comunidade da UFRGS, na mesma página de relacionamentos na web, a polêmica levantou discussão e conta com opiniões favoráveis e contrárias.

A estudante Alessandra Santos de Souza, do 1.º semestre de Teatro, concorda com Juliano. "Não me importo muito com isso, acho normal." Frequentadora do Restaurante Universitário do Centro, ela declara que não tem esse hábito, mas há situações em que é necessário lançar mão dele. "Por exemplo, há dias em que minha cadeira termina às 12h30min e a próxima começa às 13h30min. E ainda preciso me deslocar até o RU. Se a fila estiver muito grande, eu tenho de *furar* para não chegar atrasada à aula."

Leila Ghiorzi, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

## Frases da campanha

Você furou a fila hoje? Então vou me atrasar para a aula.

EU não quero lutar sozinho pelo NOSSO direito. MANIFESTE-SE. Não deixe que furem a fila. Hoje um colega se atrasa. Amanhã pode ser você.

O seu ensino é de nível superior. E a sua educação? Colabore. Não fure a fila.

"O que me preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem-caráter, nem dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons." Martin Luther King

## Ampliação do movimento

Os idealizadores da campanha analisam a possibilidade de ampliá-la a todos os RUs da Universidade. Segundo eles, a tática adotada para cada restaurante deve ser diferente: "Sabemos que os públicos não são os mesmos. No Centro, por exemplo, as atuações terão de ser outras. Temos preocupação com a poluição, inclusive a sonora e visual, por isso não podemos distribuir folhetos e colar avisos. Em breve, vamos expandir as ações para lá também, mas precisamos estudar as estratégias", esclarece Jessé. No Câmpus Saúde, placas semelhantes às do Vale já foram colocadas nos acessos ao restaurante. O objetivo principal da iniciativa é reduzir a corrupção, nesse caso representada pelo *furo*: "A fila do RU simboliza todas as outras, seja a do cinema ou a do transplante de órgãos", afirmam os organizadores. Para eles, o término dos *furos* não representa solução imediata, mas é uma maneira de melhorar o convívio dentro da Universidade. "Nossa postura exemplifica nosso comportamento em outras situações. A mudança de atitude pode ajudar-nos de alguma maneira a diminuir os problemas da sociedade". Maurício e Jessé explicam ainda que a iniciativa tem dois focos: evitar a entrada irregular nas filas e dar a oportunidade a quem é contra de se manifestar. "Os cartazes não são assinados porque não queremos promoção pessoal nem coletiva. Não estamos fazendo propaganda eleitoral ou levantando uma bandeira política. O movimento é de alunos para alunos e para a sociedade em geral."



# Jornada do almoço

## Infraestrutura

Quase três anos após o início das obras, RU do Câmpus do Vale ainda espera por duplicação

Com obras paralisadas desde o meio do ano passado o Restaurante Universitário mais movimentado da UFRGS, vem acumulando recordes tanto nos índices de refeições servidas quanto no tamanho das filas. A construção chegou a ser iniciada, mas a falência da empresa encarregada pelos trabalhos adiou o fim de um anseio de estudantes e servidores.

**Os números da espera** - Começada em outubro de 2006, a ampliação deveria estar concluída em outubro de 2008, oferecendo aos usuários aproximadamente 1.100 lugares – hoje, são pouco mais de 500. Confrontados os números do ano passado com os de 2009, estão sendo servidas por volta de 300 refeições a mais por dia. O crescimento fez com que a média diária de refeições servidas no mês de março chegasse a três mil.

O aumento é notado por estudantes como a mestrand Vanessa Venturini, graduada em Química Industrial: “Gasto em torno de uma hora para almoçar, porque costume vir cedo. Por volta do meio-dia, a fila fica bem maior. É capaz de tu perderes uma hora e meia para almoçar”.

As reclamações não são exclusividade dos alunos. Com 62 anos de idade, o servidor José Delarci, frequentador do RU do Vale há 24 anos, procura ir almoçar às 11 ou às 13h: “Senão, dou de cara com uma fila imensa. Este ano está crítico”, lamenta. Conseguir lugares também é um problema: “Às vezes tu tens que esperar de pé com a bandeja até alguém levantar”.

**Frustração** - O descontentamento se tornou evidente em 1.º de abril, quando uma manifestação agitou o horário de almoço no Vale. Foram distribuídos narizes de palhaço para quem aguardava em uma fila que, às 13h, se estendia até a entrada do prédio da FAURGS. Com a ajuda de alto-falantes, estudantes leram um manifesto assinado pelo Diretório Central dos Estudantes, pela Associação dos Servidores da UFRGS e pelos diretores da Geologia, Geografia, Ciências Sociais, História, Biologia, Filosofia, Educação, Matemática e Educação Física.



Um dos organizadores do ato, Andrias Ostermann, do 3.º semestre do curso de Geologia, cobrou esclarecimentos: “É hiperirritante saber que todo dia existe uma fila imensa para enfrentar e ter que se adaptar a horários alternativos”. Para ele, o aumento da comunidade acadêmica, com a criação de alguns cursos e a ampliação de vagas em outros, não foi se-

## No horário do almoço, a espera na fila costuma ultrapassar os 30 minutos nos momentos de pico

guido de uma adequação do espaço físico do RU.

As duas semanas seguintes não passaram em branco: em 8 de abril, a movimentação voltou a acontecer no Vale, dessa vez com coleta de assinaturas; no dia 16, foi a vez do Câmpus Centro: manifestantes promoveram um “ato-almoço” no pátio entre os prédios da reitoria e do Salão de Atos, que redundou em uma reunião com

representantes do DCE, da Associação dos Servidores e da Administração Central. Entre as pautas, a construção de um novo RU no Vale.

Para o Superintendente de Infraestrutura da UFRGS, professor Alberto Tamagna, as pressões podem acelerar processos quando existe falta de vontade da Administração, o que “não é o caso. É uma questão urgente para nós, e há recursos”, salienta. A demora se justifica pela necessidade de avaliar o que foi feito e o que ainda está pendente, para que, somente depois, uma nova licitação seja elaborada.

Uma vantagem é a UFRGS pagar apenas pelo que foi realizado. Apesar de o custo das obras no RU 3 girar em torno de R\$ 700 mil, a Martene Construções, empresa responsável, recebeu apenas a quantia referente ao que foi construído. “Não pagamos antecipado. Digamos que tu vais reformar esta sala: se tu pintas a parede, recebes pela pintura”, compara Tamagna.

A Superintendência de Infraestrutura espera concluir a reliberação até o final deste mês, após a Procuradoria emitir o parecer que autoriza esse processo. Elaborada a nova licitação, há um prazo médio de 120 dias para que uma nova empresa seja contratada e a obra recomece. Fazendo a conta: antes de outubro, nada de mudanças.

**Ao alcance das mãos** - Enquanto isso, medidas paliativas vão sendo tomadas: os antigos leitores de cartões foram trocados por outros novos, rápidos e praticamente infalíveis. Além disso, a apresentação do cartão passou a ser obrigatória, agilizando o processo de pagamento e ingresso.

Os furos passaram a ser um problema merecedor de uma campanha lançada por um grupo de alunos do Instituto de Física (*leia reportagem na página ao lado*). No início de abril, cartazes com frases de conscientização acompanhavam as filas. Para Andrias Ostermann, a campanha desvirtua o problema real, que é a falta de espaço físico para receber as pessoas.

Para inibir os furos, uma corda tem sido esticada ao longo da fila do RU 3. Enquanto iam esticando corda, no dia 13 de março, os funcionários brincavam com a semelhança do corredor com os “bretes” usados no meio rural para orientar os passos do rebanho.

As mesas e cadeiras que ocuparão os novos salões do RU já foram compradas e estão improvisadamente empilhadas rente às paredes internas do Restaurante. Até uma nova empresa retomar o que está parado, as filas abarrotadas e os móveis amontoados serão lembranças persistentes de que há algo por ser feito.

## Anunciada a construção de um novo RU

Em 16 de abril, o reitor, Carlos Alexandre Netto, o chefe de gabinete, João Roberto de Braga Mello, e o secretário de Assistência Estudantil (SAE), Edilson Nabarro, se reuniram com representantes do DCE e da ASSUFRGS. Durante a conversa, os estudantes entregaram um abaixo-assinado e uma lista de reivindicações, na qual se destacava a questão do RU 3. Em resposta, o reitor reafirmou uma notícia anunciada na véspera: os planos para a construção de um novo Restaurante, no setor 4 do Câmpus do Vale, onde fica o Instituto de Informática. A SAE ainda não estimou a capacidade que o RU 6 deverá ter. O local terá de suportar o aumento do fluxo de pessoas no setor 4, para onde se projeta a edificação de novos prédios. A ideia inicial é que o RU 6 comporte o mesmo número de usuários que o RU 3 receberá depois de ampliado – concluídas as duas obras, teria-se o equivalente a outros três RUs idênticos ao atual. Não há previsão para o início dos trabalhos, mas a Universidade já dispõe dos recursos necessários.

## “Obras não se compram no supermercado”

Após uma demora de quase um ano para o início efetivo das obras, devido aos entraves legais impostos pela necessidade do corte de árvores – a Universidade, inclusive, comprou mudas para substituir as árvores derrubadas –, a Martene Construções Ltda. pôde levar a cabo as atividades previstas em contrato.

Um vestiário foi construído para os funcionários e parte da fiação da rede elétrica foi trocada, enquanto a duplicação dos salões começava a aparecer. “Depois, eles começaram a patinar. Tu chegavas lá e havia dois trabalhando, outros esperando material, até que vimos que não tinha mais ninguém. Ai soubemos que a empresa havia falido”, conta Paulo Peres, diretor da Divisão de Alimentação ligada à Secretaria de Assuntos Estudantis.

Em casos como esse, o segundo colocado na licitação deve ser chamado, com a proposta de assumir os serviços ao mesmo preço do primeiro. Con-

tudo, a oferta não foi aceita, conforme explica Peres: “Três anos depois, os preços estavam completamente defasados. Ai a empresa não quis”.

A Martene mudou de endereço em julho do ano passado. Ainda hoje, segundo funcionários de empresas vizinhas, o ex-edifício da Martene é procurado por pessoas que são surpreendidas pelas portas fechadas e pela faixa que anuncia que o imóvel está disponível para locação.

A empresa estava envolvida em outras duas obras na UFRGS, que também ficaram inacabadas: o Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (o Leme, na Escola de Engenharia) e as salas de aula na Escola de Educação Física. A primeira tem pronta a documentação para a nova licitação; a segunda já está com uma nova empresa encarregada pelos trabalhos.

Se esses casos são semelhantes ao do RU do Vale,

a dúvida imediata é por que eles já estão com suas soluções encaminhadas. Alberto Tamagna explica: “Fizemos nessa ordem porque era mais fácil. As salas de aula são obras menores, e no Leme falta pouco para terminar”.

Sobre a mesa do Superintendente de Infraestrutura há três carimbos: “SUINFRA”, “Reuni” e “Urgente”. Ele aponta para o terceiro: “Vamos pedir urgência para o RU. Quando colocamos este selo, a obra é prioritária. Diante de outras, ela passa na frente”. Em breve, teremos boas notícias, então? Tamagna adianta: “Quando tu falas ‘breve’ numa época de informática, as pessoas acham que é um ‘clique’. Obras são demoradas, não se compram no supermercado”.

Demétrio Pereira, estudante do 5º semestre de Jornalismo da Fabico

# Especial

## Ciência

**Programação do Ano Internacional da Astronomia aproxima as estrelas da população**

TEXTO CAROLINE DA SILVA

“O universo para você descobrir.” Essa é a chamada do Ano Internacional da Astronomia (AIA), evento planetário proposto pela Unesco e aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) que celebra os quatrocentos anos do uso astronômico do telescópio. 1609 é a data em que Galileu Galilei (1564-1642) registrou suas primeiras observações telescópicas, que não foram poucas e tiveram decisiva importância.

“Galileu descobriu que havia quatro satélites orbitando Júpiter, que a superfície da Lua era extremamente irregular, que Vênus tinha fases e que a Via Láctea – aquela faixa de luz difusa conhecida desde a Antiguidade por ser vista a olho nu – era, na verdade, formada por estrelas infinitas”, comenta Basílio Xavier Santiago, diretor do Observatório Astronômico da UFRGS.

Basílio, que é também professor do Departamento de Astronomia do Instituto de Física, explica que todas essas evidências colocaram em xeque conceitos antigos sobre a organização do universo.

**Teoria heliocêntrica** – À época de Galileu ainda vigorava o modelo geocêntrico, segundo o qual todos os corpos celestes orbitavam em torno da Terra. O padrão heliocêntrico já havia sido proposto por Nicolau Copérnico, provocando grande debate. Galileu observou as fases de Vênus com sua face sempre voltada para o Sol, sendo mais fácil explicá-las colocando essa estrela no centro, e não a Terra.

O professor interpreta as contribuições das primeiras observações do céu feitas pelo astrônomo italiano: “Então, a Terra orbitaria em torno do Sol, assim como Vênus. E com Júpiter tendo satélites ao seu redor, ficou evidente que poderia orbitar em torno de algo que não seria a Terra”. Logo, nosso planeta não podia mais ser o centro do universo.

Já a análise da superfície da Lua abalou as crenças da sociedade. Até aquele momento, vigorava a ideia de Aristóteles, filósofo grego da Antiguidade, segundo a qual as fontes celestes seriam perfeitas porque eram obras divinas, e lá estavam os deuses. Os próprios planetas do nosso Sistema Solar têm nomes de divindades greco-romanas.



# O universo à nossa disposição

mas, Selene, deusa grega que deu nome à Lua, no entanto, mostrou a Galileu uma superfície irregular. Seu relevo era acidentado, sua forma não era perfeita e divina.

**A ciência** – A Astronomia é uma ciência, pois é baseada no método científico: “Um método pelo qual se coletam dados, analisam-se esses dados, chega-se a uma conclusão sobre eles, formulam-se leis que descrevem o comportamento dos objetos de estudo com base na coleta, e a partir daí se constrói uma concepção, um modelo. E esse modelo poderá ser verificado ou não. Terá de ser aperfeiçoado ou não, na medida em que novos dados vão sendo coletados, novos resultados vão sendo gerados”, esclarece o professor Basílio. “É assim que a ciência caminha, na Física, na Química, na Biologia, e a Astronomia não é exceção.”

Etimologicamente, a palavra Astronomia vem do grego *astron* (astro) e *nomos* (lei). É a lei dos astros. Basílio adverte para não confundir-la com Astrologia, que não é uma ciência, mas uma prática: “Tem muita gente que gosta e acha divertida. Nada contra a ideia de que as pessoas se divirtam acreditando que os astros tenham influência direta sobre a sua personalidade, mas isso não é comprovado cientificamente”.

A Astronomia estuda tudo aquilo que está fisicamente fora do nosso planeta. “Ou seja, estuda quase tudo. É muito importante ter em mente que toda a aventura humana, com as suas necessidades que geram buscas e resultam em conflito, todo o drama do ser humano se dá num grão de poeira,

**“Ciência não é só o conhecimento. O processo de fazer ciência é um processo de luta contra a ignorância.”**

que é a Terra.” O professor frisa a grandiosidade do objeto de estudo dessa ciência: “Nosso planeta orbita uma estrela, que é uma estrela ordinária dentre 100 bilhões de outras estrelas situadas na nossa galáxia. E a nossa galáxia é também uma galáxia ordinária no meio de bilhões de outras galáxias que existem no universo”. Nessa perspectiva, a Terra é apenas um ponto no universo – especial para nós, seres humanos, por ser a nossa casa.

**Descobertas** – Com os olhos sempre voltados para o céu, os astrônomos constantemente descobrem novos “pontinhos” no universo. O último astro anunciado foi o quarto planeta do sistema da estrela batizada Gliese 581. O menor planeta encontrado fora do Sistema Solar, o Gliese 581e fica a uma distância de 20,5 anos-luz, tendo menos que o dobro do tamanho da Terra.

Os cientistas acreditam tratar-se do exoplaneta mais parecido com a Terra. Por ser pequeno, deve ser um planeta rochoso e não gasoso. Basílio afirma que, “direta ou indiretamente, toda a energia na Terra vem da radiação do Sol. O mesmo vale então para o Gliese 581e: dada a sua distância da estrela e as características desta, podemos estimar a temperatura do planeta, que seria semelhante à temperatura média da Terra, o que permitiria a existência de água”. O pesquisador afirma, no entanto, ser impossível garantir que haja um oceano no novo planeta.

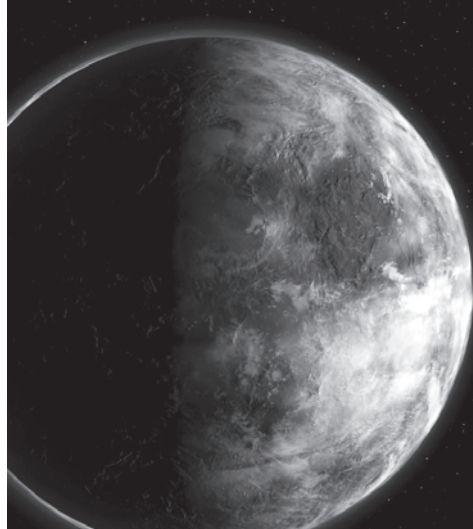
**Espaço, o nosso lar** – A exposição *Em casa, no universo* será inaugurada no Museu da UFRGS em 20 de julho, data que marca os quarenta anos da chegada do primeiro homem à Lua. O professor diz que a mostra, na qual estão envolvidos professores do Departamento de Astronomia e as equipes do Observatório Astronômico e do

Planetário, será a principal atividade da Universidade durante a programação do Ano Internacional.

A ideia básica é usar o mote dos 400 anos do uso do telescópio como ponto de partida para mostrar a evolução da Astronomia com o advento desse artefato. O objetivo é demonstrar que o desenvolvimento dessa ciência está intimamente ligado à evolução instrumental. “Partimos do telescópio de Galileu, percorremos a história até chegar aos telescópios contemporâneos – grandes instrumentos que nos permitem estudar galáxias a 10 bilhões de anos-luz de distância. A exposição vai convidar as pessoas a conhecerem a Astronomia, os seus mistérios. Quero falar de ignorância, para que não fique a errônea concepção de que ciência é só conhecimento. Isso não é verdade. O cientista é um ignorante que reconhece a sua ignorância e, dispondo de algumas ferramentas e informações, se propõe a vencê-la, a superá-la. O processo de fazer ciência é um processo de luta contra a ignorância.”

Também está prevista uma exposição itinerante destinada ao público escolar, que reunirá uma fração da mostra apresentada no Museu da UFRGS, podendo ser reproduzida nas instituições parceiras e em outros locais que demonstrarem interesse.

Gliese 581e (abaixo), exoplaneta recentemente descoberto



## Astronomusic e a música dos astros

Os compositores e instrumentistas Zózimo Rech e Adrienne Simioni se conheceram na Orquestra Profana, que interpretava música erudita com instrumentos eletrônicos. Descobriram uma paixão comum pela Astronomia. Ele graduou-se em Engenharia, passando muito tempo no laboratório de Física; ela foi aluna de Física na UFRGS. O projeto Astronomusic é resultado da fusão de Astronomia e Música. “Alguns dizem que a Astronomia é a mais bela das ciências; a música, a mais bela das artes”, brinca Zózimo.

O resultado é música instrumental descritiva, inspirada na ciência dos astros, executada com guitarras, teclados, violino elétrico, violão acústico e aparelhagem convencional de estúdio. “Essa é a nossa inspira-

ção, somos astrônomos amadores, gostamos de observar as estrelas, e a observação nos traz ideias, se transforma em música na nossa mente, e assim compomos”, explica Adrienne.

Uma apresentação do Astronomusic é um roteiro astronômico, assim como as faixas que formam os seus CDs. As canções de *The Life of a Star*, por exemplo, contam a história do nascimento até a morte de uma estrela. Zózimo esclarece que tudo vem do conhecimento astrofísico.

Ao longo de 2009, a programação do Ano Internacional da Astronomia da UFRGS conta com vários shows do grupo. Fique atento às próximas apresentações pelo site [www.astronomusic.com](http://www.astronomusic.com)



# A pesquisa astronômica brasileira é comparável à internacional, apesar da reduzida comunidade científica

## PROGRAMAÇÃO DA UFRGS

### PLANETÁRIO

O Planetário José Baptista Pereira oferece programas para escolas em dias úteis e para público adulto e infantil nos fins de semana. Observações ao telescópio também são feitas como parte do projeto Selene – observação da Lua em seu quarto crescente, quando o satélite aparece no início da noite. Nos dias 30 e 31 de maio, telescópios estarão à disposição do público no pátio do Planetário. Endereço: Av. Ipiranga, 2.000 Fone: 3308-5384 Site: [www.planetario.ufrgs.br](http://www.planetario.ufrgs.br)

### OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO

Por meio do projeto Astronomia para a Comunidade, há mais de 20 anos o Observatório recebe visitas de segunda a quinta-feira para observações ao telescópio à noite. Visitas regulares abertas ao público, a partir das 19h, terças e quintas, e nas segundas e quartas para escolas, com agendamento prévio. Visitas ao acervo da exposição do quadricentenário podem ser realizadas de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. Endereço: Av. Osvaldo Aranha, s/n.º (próximo à Praça Argentina) Fone: 3308-3352 Site: [www.if.ufrgs.br/observatorio](http://www.if.ufrgs.br/observatorio)

### Curso de Astronomia do Ensino Médio

Destinado a estudantes do Ensino Médio, incluindo observação astronômica. Quando: 12/05 a 11/06, às terças e quintas-feiras, das 13h30min às 15h30min Onde: Instituto Educacional Dimensão (Canoas) Promoção: Observatório Astronômico e Observatório Educativo Itinerante

### OBSERVATÓRIO EDUCATIVO ITINERANTE

Observatório Educativo Itinerante (OEI) é o primeiro programa de ciência móvel do Brasil, iniciado em junho de 1999. Ao longo desses dez anos, o OEI já ofereceu mais de 40 cursos para professores em toda a região Sul do Brasil, atendendo mais de mil professores, além de ter efetuado inúmeras palestras e observações em escolas e logradouros públicos.

### Curso de Astronomia para Professores

Atividade com 25 horas-aula que oferece aperfeiçoamento em astronomia, com observação astronômica. Quando: 08/05 e 09/05, sexta e sábado, das 9h às 22h Onde: CEFET Pelotas Coordenador: Horacio Dottori Fone: 3308-6441 Site: [www.if.ufrgs.br/oei](http://www.if.ufrgs.br/oei)

### MUSEU DA UFRGS

#### Exposição "Em casa, no universo"

A história da Astronomia, com ênfase em Galileu e no telescópio, abordando aspectos da pesquisa atual em Astrofísica, bem como a participação do Brasil e da UFRGS neste contexto. Curadores: Basílio Santiago, Cláudio Bevilacqua, Maria Helena Steffani e Eduardo Bicca Inauguração: 20 de julho Visitação: 21 de julho de 2009 a 30 de abril de 2010, de segunda a sexta, das 9h às 18h Apoio: Pró-reitorias de Extensão e de Pesquisa Endereço: Av. Osvaldo Aranha, 277 Telefone: 3308-4022

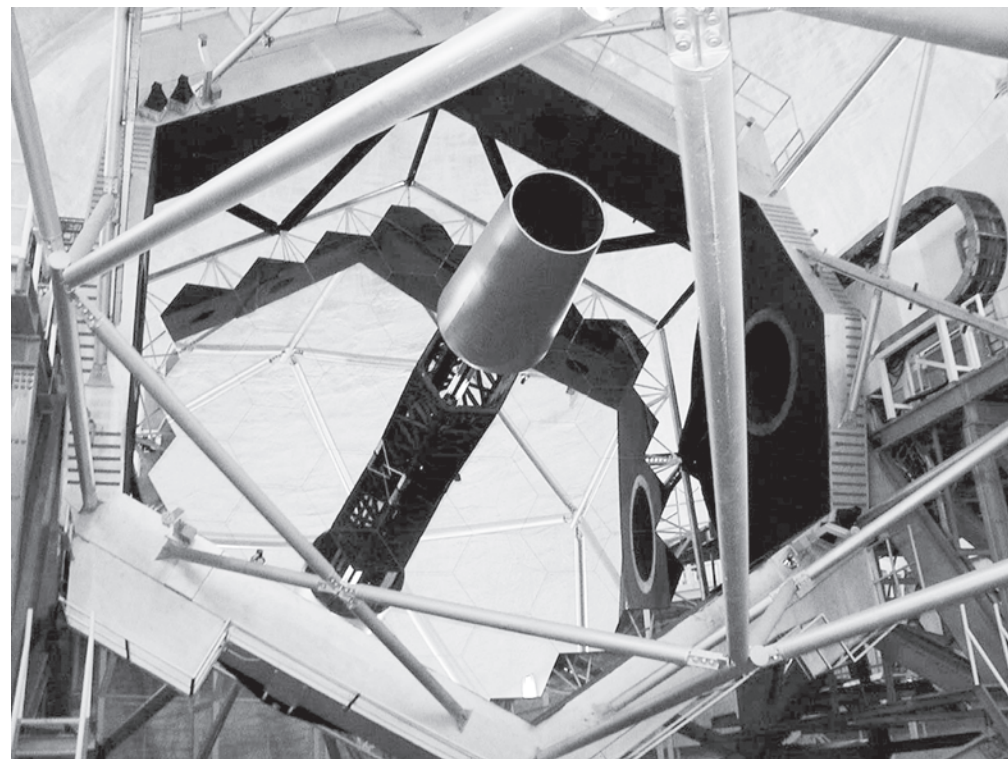
Informações sobre a programação do AIA no Brasil: [www.astronomia2009.org.br](http://www.astronomia2009.org.br)

## Caminho para a Astronomia

A UFRGS desenvolve ações regulares de divulgação da Astronomia há muito tempo. "O caminho hoje é mais fácil do que na minha época, porque atualmente há mais astrônomos, planetários e instituições no Brasil onde se estuda e divulga essa ciência. Fui um adolescente interessado por Astronomia e fiz essa busca pelo aprendizado. Aconselho quem se interessa pelo assunto a visitar o Observatório Astronômico da Universidade", indica o professor Basílio Santiago. O lema da campanha do Ano Internacional da Astronomia (AIA) é levar o público a aproximar-se dos equipamentos utilizados pelos astrônomos. Basílio diz que o céu esconde segredos que só podem ser descobertos com telescópio. "A olho nu, principalmente em ambiente com poluição luminosa, como é o caso da cidade de Porto Alegre, não é possível se observar bem o céu."

Além do Observatório, o docente também recomenda conhecer o Planetário e o Observatório Educativo Itinerante (OEI), que é um programa de extensão que completa 10 anos em 2009. Primeiro projeto de ciência móvel do país, o OEI oferece cursos de Astronomia a professores da rede estadual, municipal ou privada. "O objetivo é criar um efeito multiplicador, já que nossos cursos não são apenas teóricos e incluem experimentos e observações astronômicas. A bagagem que o professor adquire poderá ser aplicada em suas aulas de Física, Matemática, Química, Geografia ou Biologia. Todas essas ciências têm conexão com a Astronomia, uma ciência muito transdisciplinar."

**Onde estudar?** – Feita essa etapa de conhecimento da ciência e uma vez decidido pela carreira, o jovem deve ingressar, preferentemente, no curso de Física. "Não que seja a única via, mas o importante é que a pessoa adquira a base sólida de Matemática e de Física que um bom curso superior de Ciências Exatas e Aplicadas fornece." De acordo com o professor, esses bacharelados permitem o envolvimento posterior com uma pesquisa em Astronomia.



Assim como a Física, a Astronomia é uma ciência que usa muito o cálculo. "Toda Astronomia usa Física, e toda Física usa Matemática. Então, a Astronomia leva a Física para esse contexto maior, que é o universo."

Na UFRGS, o Programa de Pós-graduação de Física dispõe de mestrado e doutorado em Astronomia. As instituições federais de Santa Maria e Pelotas também oferecem linhas de pesquisa nessa área em seus programas de Física.

No Brasil, durante a única graduação em Astronomia foi a do Observatório do Valongo da UFRJ. Recentemente, a Universidade de São Paulo iniciou um curso. Como parte do plano de expansão do Reuni, o Instituto de Física apresentou uma reformulação para o ingresso já no curso vestibular de 2010. Haverá o desmembramento do bacharelado em cinco ênfases diferentes, com acesso em separado – uma delas será a Astrofísica.

**Pesquisa de ponta** – Na opinião do pesquisador, é cada vez menos necessário fazer doutorado em uma universidade no exterior, porque existem programas de pós-graduação brasileiros, como o da Física da UFRGS, que têm nível de qualificação comparável ao das melhores instituições do mundo. "Isso é atestado pelo sistema de avaliação contínuo da CAPES e pelo índice de publicações. Temos uma produção científica comparada a das melhores instituições do planeta, mas é bom mudar de ares."

Basílio destaca que as instituições de ponta estrangeiras têm uma vantagem sobre as brasileiras: a comunidade maior. "A nossa produtividade é comparável a de muitos deles, mas o problema é que aqui na UFRGS temos nove astrônomos. Na Universidade de Cambridge havia mais astrônomos do que no Brasil inteiro. Mas em termos de pesquisa, estamos indo bastante bem", conclui o professor.

## Observação do Sol no Planetário

Uma tarde sob o Sol para reconhecer a magnitude do astro-rei. Ou temer – ainda – a estrela anã amarela. Apesar de ser uma estrela ordinária dentre 100 bilhões de outras estrelas da Via-Láctea, como afirmou o professor Basílio, os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Jasmelino Jardim, de Canoas, ficaram impressionados com o efeito direto de sua luz em uma folha de papel: Queimava como se atingido por uma ponta de cigarro.

A observação do Sol foi uma das atividades do Planetário Professor José Baptista Pereira para as 100 Horas de Observação – evento do Ano Internacional da Astronomia que ocorreu simultaneamente em todo mundo. O programador cultural Gilberto Klar Renner explicava tratar-se de um período de atividade solar mínima, pois até a tarde daquele 3 de abril se completavam 25 dias sem que nenhuma mancha aparecesse no Sol.

No pátio do Planetário, um telescópio refrator com anteparo se configurava um modo didático e seguro de fazer a observação do Sol. "Se a luz concentrada faz isso no papel, imagina o que faria no teu olho", repetia Gilberto aos meninos mais curiosos. "Alguns têm interesse mesmo, outros obviamente vêm pelo passeio", afirmou a professora de Geografia Doralina da Silva, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Jasmelino Jardim. Os 42 alunos de 5.ª a 8.ª séries tinham a visita marcada em função de estarem inscritos nas Olimpíadas de Astronomia.

Perto do encerramento, uma moça aproximou-se pelos fundos do Planetário. A mestrandia em Psicologia Social Mariana Schorn tinha visto a notícia da Observação no site da UFRGS. "Vim porque estaria aqui ao lado e tenho curiosidade sobre Astronomia. É algo tão distante..."



MARCELO CAVALCANTI DA SILVEIRA

# Os vários piratas da Somália

**África**  
**Historiador analisa as ações no litoral leste africano e identifica os fatores que tensionam a região**

Jacira Cabral da Silveira

A Somália não existe como Estado desde 1991. A região vem sendo dirigida pelos *senhores da guerra*, como são conhecidos os chefes dos clãs somalis. Em 2002, eles instituíram a União dos Tribunais Islâmicos, uma espécie de federação que reunia desde os clãs mais radicais aos mais moderados. Grande parcela da população é nômade e se ocupa dos rebanhos de animais que, com o couro, a banana, o carvão vegetal e a pesca, constituem-se nos principais produtos de exportação.

Geograficamente, o país está numa



posição estratégica de circulação marítima, por onde trafegam 30% do petróleo mundial e 16% do comércio mundial. Essa rota, que inclui o Golfo de Aden, ligando o Mar Vermelho ao Oceano Índico, reduz em 10 a 15 vezes a distância que os superpetroleiros e os navios de transporte de carga teriam de realizar para chegar à Europa pela África do Sul e pelo Oceano Atlântico. Isso representa, na mesma proporção, significativa redução do custo com o transporte.

Esses fatores políticos e geográficos ajudam a entender a origem e a dimensão das ações dos chamados Piratas da Somália. De acordo com o doutor em História e professor dos cursos de História e Relações Internacionais da UFRGS Luiz Dario Teixeira Ribeiro, embora os clãs de pescadores tenham iniciado as ações de pirataria de forma amadora, atualmente suas armas, embarcações e estratégias resultam não só do que recebem pelos resgates como também das descobertas que vêm fazendo a respeito da exploração das águas somalis. À medida que

o professor explica os fatos passados e recentes, fica evidente que nem só piratas somalis navegam no mar da costa leste africana.

**Ciclos de pirataria** - Dario descreve dois ciclos no histórico dos chamados Piratas da Somália. O primeiro ciclo, bastante restrito e amador, foi eliminado pela União de Tribunais Islâmicos que proibiu as ações de pirataria. A União tinha como base tanto autoridades religiosas islâmicas quanto comerciantes, para os quais a pirataria não interessava. Porém, a invasão da Somália pela Etiópia e o fim da autoridade dos Tribunais Islâmicos criaram uma conjuntura favorável à reativação dos piratas.

Na opinião do professor, outro fator acabou contribuindo para a retomada das ações de pirataria entre os pescadores somalis: enquanto no primeiro ciclo (década de 90) eles usavam carabinas simples e pequenos barcos, no segundo (a partir de 2006), tiveram acesso a armas modernas. Segundo alguns analistas, a intensidade desse segundo ciclo resulta da incorporação de armas mais potentes e embarcações modernas ao levante pirata. Recursos como lançadores de mísseis e granadas, carabinas mais potentes e sistema de localização por GPS teriam sido adotados quando a Coreia do

Norte revendeu equipamentos de sua frota marinha ao Irã. Os iranianos, provavelmente, repassaram esses materiais aos somalis.

Isso ocorreu na época em que os Estados Unidos cogitavam um ataque ao Irã para diminuir a tensão no Golfo Pérsico. O Irã teria passado esses equipamentos aos pescadores somalis para que eles criassem uma instabilidade na retaguarda da área de ataque, dificultando com isso a ação norte-americana. Dario ressalta que, embora não haja documentação que com-

prove essas tramitações, inventários das armas norte-coreanas, desabilitadas e repassadas ao Irã, não teriam aparecido no inventário deste último. “E são equipamentos muito parecidos com esses que estão sendo utilizados na Somália”, acrescenta.

Outra característica desse segundo ciclo diz respeito à adoção de táticas mais sofisticadas, como a utilização de um barco-mãe puxando quatro a cinco lanchas rápidas. O barco-mãe se aproxima do alvo, as lanchas atacam e aprisionam o navio, exigindo o resgate. Conforme explica o professor, para os somalis essas não são ações de pirataria, mas sim uma tributação à utilização indevida das águas territoriais somalis. “E como não há Estado, esse tributo é feito segundo os termos dos clãs de pescadores.”

Dario resume o que ocorre hoje na costa leste africana como consequência da destruição do Estado somali, que desencadeou uma invasão predadora e criminosa dos mares da Somália, provocando a reação dos clãs. Essa resposta, entretanto, não ocorre isolada-



DIVULGAÇÃO

mente e termina se integrando à estrutura do conflito geopolítico na região. “Esse é o elemento fundamental”, diz o professor.

**Origem dos piratas** - De acordo com o historiador, em 1991, quando ocorre a dissolução do Estado somali, dois fatores precederam as ações de pirataria na região: primeiro, as grandes frotas pesqueiras de países desenvolvidos começam a pescar naquele litoral – um dos mais ricos do mundo em cardumes –, aproveitando a inexistência de um estado soberano. Essas frotas destroem redes e embarcações pequenas dos pescadores somalis, membros de clãs que vivem no litoral. A primeira reação desses pescadores foi recuar, o que acabou intensificando a condição de pobreza da população.

O segundo fator descrito por Dario, além de contribuir para a miséria, afetou a saúde da população somali: “Com o colapso do Estado, as companhias de descarte de lixo tóxico passaram a descarregar barris de material contaminado no litoral daquele país”. Como consequência, surgiram problemas de saúde entre as populações, como câncer e má-formação congênita. Isso foi o estopim.

A situação piorou ainda mais em 2004, por conta do tsunami ocorrido em dezembro daquele ano. A invasão das águas que destruíram a costa de países como Tanzânia, Somália e Quênia comprovou o despejo do lixo tóxico com a chegada em grande quantidade de barris em estado de decomposição às praias somalis.

**Aliado potencial** - Numa tentativa de pensar o futuro da região, tendo como figura central os piratas somalis e suas ações em prol dos interesses dos diferentes clãs, Dario avalia que o país pode vir a ser um cobiçado aliado: “A Somália detém uma posição estratégica, é o ventre da Europa Unificada. De um lado, temos Arábia e Iraque, grandes produtores de petróleo, além do Irã, do Paquistão, do Afeganistão e da Índia. Existe ainda a rota marítima asiática e, pelo canal de Suez, temos a Europa”. Junto com os Estados Unidos, a Europa Unificada representa um dos maiores mercados mundiais, tirando China e Índia, que são as maiores concentrações demográficas do mundo. O abastecimento desses mercados, que passa por essa região, tem uma importância muito grande.

Para completar, aquela região concentra mais de 50% das reservas de gás e de petróleo conhecidas no mundo. Isso torna a Somália uma área de ainda mais interesse. Portanto, no momento em que o Estado somali se afirmar, só pelo fato de controlar esse litoral passará a ter uma capacidade de barganha muito grande: “Um país que não terá inimigos”, garante Dario.

## Ataques aleatórios

Nas investidas dos Piratas da Somália, o objetivo dos ataques é distribuir renda entre a população de pescadores. Conforme o professor dos cursos de História e Relações Internacionais da UFRGS Luiz Dario Teixeira Ribeiro, pouca gente sabe que uma parte dos recursos dos resgates é acumulada para a compra de equipamentos modernos, enquanto outra é distribuída entre os membros dos clãs que participam dos ataques, numa proporção condizente com o papel desempenhado por cada um nas ações.

Nessa dinâmica, foram criadas diferentes tropas de piratas: existem os que atacam e sequestram os navios, levando-os para o litoral da Somália. Há também os chamados grupos de retaguarda, que fornecem alimento e serviços necessários à manutenção tanto das embarcações quanto das tripulações somalis. “Todos eles recebem uma parte do saque proporcional ao trabalho desenvolvido. É toda uma estrutura montada, porque o Estado não existe mais”, explica o professor.

Os ataques, segundo Dario, são aleatórios, “tanto que entre as vítimas estão navios pesqueiros de pequenas empresas predadoras e grandes cargueiros”.

Em 2008, os pescadores somalis fizeram dois ataques que colocaram o país na “berlinda”, avalia Dario. O primeiro envolveu um navio ucraniano que transportava armas para um porto do Quênia. Eles tomaram a embarcação acidentalmente e, quando descobriram o que era a carga, pediram um resgate elevado. Até então, o valor máximo exigido tinha sido de 1,5 milhão de dólares, mas neste caso eles pediram 15 milhões de dólares.

Pouco tempo depois, sequestraram um superpetroleiro árabe carregado com 2 milhões de barris de petróleo, ou seja, 20% da produção diária de petróleo da Arábia Saudita. Para esse resgate, pediram 25 milhões de dólares. Foi a partir dessas duas apreensões que a Somália ganhou espaço na imprensa internacional, até porque a ação dos piratas expôs uma conexão do tráfico internacional de armas, provocando uma reação muito grande e uma campanha contra a pirataria.

Do ponto de vista político, o historiador entende que inexistem possibilidades de uma solução num curto espaço de tempo. Isso porque a saída que está sendo adotada é policial-militar. O historiador considera que melhor do que empregar grandes somas em operações de represália aos piratas seria fortalecer o Estado somali.

Para ele, o fortalecimento do Estado passa por uma aliança com os tribunais islâmicos, pela proibição da pesca predatória e pela retirada dos tonéis de lixo tóxico da região, além da implantação de políticas para o fortalecimento dos pescadores em sua atividade original. Dario finaliza dizendo que o país também precisará desenvolver políticas de educação, saúde, etc.

## Intervenções frustradas

A intervenção humanitária no período Bill Clinton (1993 e 2001) só piorou a situação. Tropas norte-americanas e canadenses ocuparam a região com o aval da ONU para distribuir alimentos à população. Com a saída dessas tropas, intensificou-se o poder dos clãs e alguns senhores da guerra procuraram organizar um governo provisório. Também nessa época começou a se estabelecer um poder interno na Somália, conhecido como a União dos Tribunais Islâmicos, reunindo moderados e radicais. Em 2006, o exército etíope intervém na Somália, destrói o poder dos tribunais, mas não consegue instaurar o poder do governo provisório.

A invasão etíope se dá por dois motivos: por ela ter se tornado aliada dos Estados Unidos; e por existir no leste da Etiópia um movimento de somalis pela independência e integração do território, colocando em risco a própria segurança do Estado etíope. Daí a intervenção que acabou por destruir os tribunais islâmicos, sem no entanto conseguir restaurar o poder do Estado e a Somália volta a ser fragmentada. É nesse período que se intensificam as ações na costa somali.



**Pesquisa**  
**Universidade**  
 coordenará grupos de  
 excelência brasileiros  
 na produção de  
 tecnologia e  
 capacitação de  
 recursos humanos

# Engenharia ganha Instituto Nacional

Jacira Cabral da Silveira

A UFRGS classificou mais um projeto na segunda etapa do edital MEC/CNPq/2008 que selecionou, em sua primeira edição, 101 propostas de diversas instituições de ensino e pesquisa em todo o país – dentre as quais a Universidade foi contemplada com seis das oito aprovadas no Estado: um na área de geociências e as demais no setor da saúde. O novo classificado é o Instituto de Engenharia de Superfícies, coordenado pelo professor-pesquisador Israel Jacob Rabin Baumvol.

A Universidade será a sede do projeto, uma vez que sua história na área tem mais de 30 anos, quando o professor Israel iniciou, no Instituto de Física, suas investigações sobre modificações de superfícies. Nos últimos anos, esse interesse tem se multiplicado em laboratórios de diferentes institutos, agregando pesquisadores. Mais recentemente, a Universidade de Caxias do Sul (UCS) também passou a desenvolver pesquisas em superfície de materiais, e hoje é a segunda maior referência gaúcha, dividindo com a UFRGS a responsabilidade pela criação do Instituto de Engenharia de Superfícies, aprovado pelo MEC/CNPq. Também participam da iniciativa a PUC-Rio, que tem excelência na área; o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), com tradição tanto em pesquisa quanto na aplicação industrial; as Universidades Federais do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Santa Catarina; a Unicamp; e a Aços Villares.

Israel, que também é docente na UCS, além de seus laboratórios de pesquisa, acrescenta que a universi-

dade caxiense trará para o projeto todo o seu aporte de recursos extraorçamentários proveniente de seu forte acoplamento com a indústria. “São 500 mil reais da iniciativa privada, recursos oriundos da Câmara de Indústria e Comércio e dos Sindicatos

**A engenharia de superfície está inserida na produção industrial, sendo decisiva para as áreas estratégicas de desenvolvimento do Brasil**

patronais. Caxias é hoje o segundo polo metal-mecânico do país.” Conforme o professor, esses valores serão aplicados na qualificação dos laboratórios da UCS.

Ao unirem-se, as universidades alcançaram um dos requisitos previstos no Edital para a aprovação do projeto dos institutos: “Formamos uma rede de âmbito nacional, com os melhores que atuam na área”, frisou o pesquisador.

**Fundamentos** – Embora considerando que o edital foi a maior ação conjunta em Ciência e Tecnologia realizada até hoje no país, com recursos de diferentes fontes, como Capes, Finep, CNPq, Petrobras, BNDE e fundações estaduais de amparo à pesquisa, Israel avalia que o Brasil “continua mantendo um distanciamento entre a universidade e a indústria, em descompasso com outros países em

desenvolvimento quanto à aplicação da pesquisa nos sistemas produtivos industriais”. A opinião do pesquisador baseia-se na análise de Alberto Rodriguez, autor do recente livro publicado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), *Conhecimento e inovação para a competitividade*.

“Enquanto outros países investem recursos substanciais, públicos e privados, em desenvolvimento tecnológico, a economia brasileira continua dependendo dos recursos naturais.” Para o pesquisador, o fator crucial para superar esse descompasso é investir corretamente, com a escolha de setores da indústria que possam tornar o Brasil competitivo “em tempo razoável”. Israel defende que um desses setores é o da engenharia de superfícies, “pois além de estar profundamente inserida na produção industrial instalada no país, é decisiva para as áreas estratégicas de desenvolvimento industrial”.

Consultor de empresas e responsável por contratos de pesquisa e desenvolvimento entre universidades e empresas no Estado, Israel acredita que a competitividade na área depende da “apropriação de conhecimentos de fronteira e de recursos humanos capazes de usar tais conhecimentos no desenvolvimento de produtos e processos industriais”.

**Definição e demanda** – O projeto do Instituto de Engenharia de Superfícies envolve tudo o que se refere à ciência e à tecnologia para modificar artificialmente a superfície dos materiais e melhorar sua funcionalidade. Isso implica também uma vasta aplicação em diferentes áreas industriais, como a metal-mecânica, a aeroespacial e a biomédica. Essa

última, inclusive, se constitui num dos principais centros de aplicação no desenvolvimento de próteses. “Cada vez mais o corpo humano vem tendo partes substituídas, mas essas partes devem ser biocompatíveis, ou seja, compatíveis com o nosso organismo”, ilustra Israel.

Por isso, segundo o professor-pesquisador, o objetivo do Instituto é desenvolver soluções eficientes na vanguarda dos segmentos industriais de Biotecnologia, Nanotecnologia, Tecnologias da Informação e Comunicação, Insumos para a Saúde, Energia, Petróleo, Programa Espacial e Programa Nuclear, destacados no Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento

**Ao unirem-se, as universidades alcançaram um dos requisitos previstos no Edital para a aprovação do projeto, formando uma rede de âmbito nacional**

Nacional – 2007/2010 (PACTI).

E para atingir essa meta, o projeto prevê três eixos principais de atuação: formação de recursos humanos, com excelência em pesquisa fundamental e em desenvolvimento de processos e produtos; inserção desses processos, produtos e recursos humanos no sistema produtivo industrial brasileiro e a criação de novos empreendimentos de base tecnológica; e a transferência de conhecimento para a sociedade.

De acordo com Israel, a demanda por engenheiros hoje no Brasil é quase inatingível. A carência no setor chega a cerca de 200 mil vagas. Somente na Petrobras são necessários 60 mil engenheiros, enquanto as universidades formam anualmente cerca de três a quatro mil profissionais. “E quanto à formação de engenheiros capazes de atuar em pesquisa e desenvolvimento na indústria, a situação é ainda mais calamitosa. É justamente esse um dos papéis do Instituto, o de formação de profissionais qualificados.”

Para tanto, uma das metas para o primeiro ano de funcionamento do Instituto é a realização de seminários em empresas e escolas técnicas, ações universidade-empresa, patentes industriais. “Mas fazer isso sem dinheiro vai ser difícil, pois o projeto sofreu um corte de verbas de cerca de 35%, revela o pesquisador. Ao longo de seus mais de 30 anos de pesquisa na área, ele atesta que o Brasil historicamente investe muito pouco em pesquisa: “E o Rio Grande do Sul não investe nada”.

Em contrapartida, Israel afirma que o Instituto de Engenharia de Superfícies já impacta antes mesmo de existir, uma vez que a indústria nacional tem se beneficiado com os avanços na área. Ele cita como exemplo uma recente dissertação de mestrado na UCS em que o aluno desenvolveu um novo revestimento para uma ferramenta de conformação mecânica usada pela fábrica da Tramontina. O objetivo do revestimento é aumentar a velocidade e a durabilidade dessa ferramenta. “Mas esperam-se impactos bem mais altos”, antecipa.

## Indústria, ciência e poesia

Na opinião do coordenador do Instituto de Engenharia de Superfícies, Israel Baumvol, embora não tenhamos atingido o crescimento apresentado pela Coreia, a relação da indústria brasileira com a pesquisa e o conhecimento desenvolvido nas universidades está avançando. Para ilustrar a defasagem de uma e outra nação em seu comprometimento com o desenvolvimento da ciência, o pesquisador traça um paralelo das diferenças entre Suíça e Portugal: “São os ideais e as crenças de uma nação a respeito de como promover a prosperidade”.

Segundo o professor, o Brasil ainda não desenvolveu essa noção, e cita como exemplo outra disparidade, mas esta dentro do território nacional: “A diferença entre São Paulo e Rio Gran-

de do Sul é chocante, parece que a gente não trocou de país, mas mudou de planeta”. Na sua avaliação, enquanto o estado paulista já entendeu a necessidade de promover o desenvolvimento com o aporte da ciência, tecnologia e inovação, “os gaúchos ainda estão sentados nos calcanhars, tomando chimarrão, não compreendendo em que época vivemos, em que estágio do processo civilizatório nós estamos”.

Mesmo no setor acadêmico, Israel resiste em declarar entusiasmo quanto à produção de conhecimento. “Muito cuidado com o acadêmico”, previne. Mesmo reconhecendo a excelência das instituições gaúchas, considera que elas representam uma estufa formada por gente que veio de tudo quanto é lado e tem

realizado ciência em condições precárias. Essa sobrevivência ele atribui ao caráter “quase inevitável da ciência, assim como ocorre com a poesia e com a arte”.

Por outro lado, ele afirma que o desenvolvimento de tecnologia é diferente, depende de organização social, de disciplina sócio-econômica, de ideais de prosperidade, de um projeto de nação, de estado e de economia. “E isso, aqui, não existe.”

Depois de duas gestões na presidência da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS (Fapergs), Israel avalia que, como a prosperidade e o bem-estar gerados pela pesquisa não representam algo que se atinja em curto prazo, nem se limita a um período de governo ou afe-

ta a reeleição de um governador, “quem não tem visão não dá bola para isso”. O pesquisador reprova essa falta de entendimento dentro da política: “O desenvolvimento da pesquisa vai afetar profunda e irreversivelmente toda a sociedade num prazo maior”, completa.

De acordo com Israel, enquanto a ação política permanecer nesta direção, vamos continuar vendo meninos pedindo nas esquinas, porque esse é o resultado da falta de visão frente a uma sociedade tecnológica: “E quem quiser prosperidade na base do trabalho braçal e na base da gauchada e da coragem e do vigor não vai chegar a nada, porque “hoje prosperidade é tecnologia. Tecnologia entendida como um grande projeto de nação”, conclui.



# Produção em cena

## Teatro, Pesquisa e Extensão

### Mostra Universitária movimentada a Sala Qorpo Santo

Ânia Chala

Desde o mês passado, a Sala Qorpo Santo está apresentando os trabalhos selecionados para 7.ª Mostra Anual Universitária de Teatro. Neste mês, a peça em cartaz é *Procura-se uma comédia*, trabalho originado nas disciplinas de Atelier de Criação Cênica II e Atelier de Composição Cênica II, sob orientação dos professores Moira Stein, Xico de Assis e Rodrigo Ruiz. A mostra, coordenada pelas professoras Inês Marocco e Cristiane Werlang, é uma atividade do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE), promovido pelo Departamento de Arte Dramática (DAD) do Instituto de Artes e pelas Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão da UFRGS.

Para Inês Marocco, os alunos que participam da mostra passam por uma transformação significativa: "Eles experimentam um progresso muito grande em seu trabalho, pois na mostra têm de fazer uma temporada com oito ou dez encenações, dependendo do mês. Eles mesmos percebem a mudança entre a primeira e a última sessão". A professora acredita que o TPE está se transformando num laboratório de formação.

**Experiências múltiplas** - A estudante Elisa Heidrich colabora na organização do projeto desde 2006. Ela lembra que a ideia de fazer uma mostra de teatro partiu de um grupo de alunos que pretendia ocupar as salas de teatro existentes na Universidade. "É uma oportunidade de fazer uma temporada de teatro e de se encaminhar para o meio profissional. Com isso, temos uma experiência de produção com iluminador, bilheteria. Uma vitrine para os trabalhos produzidos dentro do DAD."



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Beliza Gonzáles participa da organização da mostra pela primeira vez, trabalhando na criação das peças gráficas (cartazes e programas). "Vivemos correndo entre a Gráfica da Universidade e a equipe que aprova a proposta de material gráfico, mas tem sido um aprendizado muito bom", observa a estudante, ressaltando a evolução do material gráfico em relação às primeiras edições da mostra.

Ana Paula das Neves colabora com a produção dos espetáculos desde 2008. Em junho, vai estreitar como atriz numa peça que integra a mostra. Ela salienta que no curso de Teatro não há uma cadeira de produção. Por isso, a mostra representa uma oportunidade de aprendizado.

Os alunos envolvidos com a produção dos espetáculos fazem de tudo, conforme explica Inês: "Eu só coordeno e cuido das tarefas mais burocráticas que exigem a presença de um professor. Por isso, considero o TPE um laboratório em dois sentidos: na produção e na organização de espetáculos teatrais".

**Extensão e pesquisa** - "O bacana é que, como qualquer projeto de extensão, o TPE se propõe a estabelecer um diálogo com o meio no qual a universidade está inserida", diz o estudante Rodrigo Fiatt, que também participa da produção da mostra. Nesse sentido, o projeto tem um bom retorno da sociedade e não só da comunidade acadêmica. Rodrigo e Elisa contam que, ao final de cada sessão, o público é convidado a preencher uma ficha de avaliação na qual expõe suas impressões sobre a mostra e sobre o espetáculo a que assistiu. Essa ficha é apresentada aos atores e diretores e também serve para a equipe de produção como pesquisa. "O público aponta problemas e faz sugestões. Ele também nos fornece uma noção a respeito do tipo de divulgação mais eficaz para o teatro. As respostas sobre como as pessoas ficam sabendo do evento indicam que o que mais funciona são os e-mails e a divulgação boca a boca. Mas a imprensa também é citada pelo público", explica Rodrigo.

## AGENDE-SE

### PROCURA-SE UMA COMÉDIA

A peça é constituída de três pequenas histórias, contadas a partir de referências da máscara cômica e do cinema mudo.

Orientação: Moira Stein, Xico de Assis e Rodrigo Ruiz

Direção de Kalisy Cabeda  
Elenco: Celso Zanini, Elisa Heidrich e Rodrigo Fiatt

Apresentações: 6 a 27 de maio (quartas-feiras)

Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min

Entrada franca

## JU indica

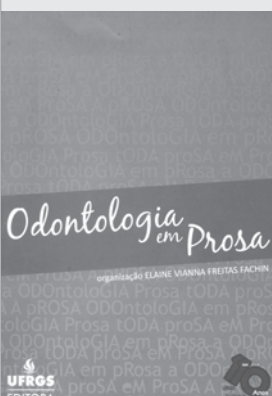


Terceiro lançamento da série Diversidades, o livro reúne 15 artigos assinados por pesquisadores brasileiros que examinam a história de um continente cujo passado costuma ser assaltado por mistificações e reducionismos. Trata-se de desvendar as muitas Áfricas ignoradas por uma História eurocêntrica e pela desinformação popular. A consagrada distinção entre África "branca" e "negra" desembocou em visões discriminatórias, como a recorrente concepção de que países como o Egito fazem parte da História do Mediterrâneo, estando isolados da barbárie e do atraso subsaarianos. Essa embriaguez intelectual é combatida no artigo de Jorge Euzébio Assumpção, que, ao examinar o passado dos

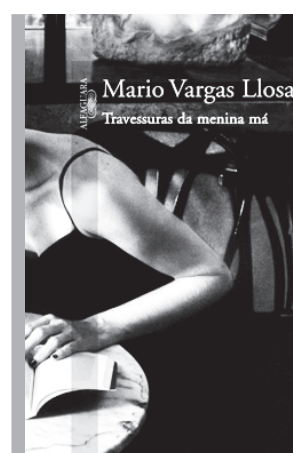
povos sudaneses e bantos, torna explícita a distância entre o discurso preconceituoso e a verdade histórica. A obra, portanto, atende ao apelo feito pelo historiador Engelbert Mveng, citado no artigo de José Rivair Macedo: "A África tem o dever de afirmar a autenticidade de seu passado, não em virtude da imagem criada pelos observadores estrangeiros, mas em virtude da verdade daquilo que foi vivido, experimentado e expresso por ela mesma". Em 2003, passou a ser obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas. O livro não perde a chance de, em seus últimos artigos, trazer uma discussão sobre os desafios e dificuldades de lecionar essa nova matéria nas salas de aula. (Demétrio Pereira)

### Odontologia em prosa

Elaine Vianna Freitas Fachin (organizadora)  
Editora da UFRGS, 2008,  
146 págs.  
R\$ 10



A obra marca a comemoração dos 110 anos da Faculdade de Odontologia da UFRGS. Escrito por docentes da faculdade sob a coordenação da prof.ª Elaine Vianna Freitas Fachin, o livro apresenta 43 testemunhos de situações imprevistas enfrentadas no cotidiano da profissão, dentro e fora da academia. Histórias como a do paciente que extraiu um dente com uma tesoura ou a da cliente que reclamou do espelho do banheiro do consultório compõem o livro, que igualmente resgata a memória da Odontologia no Rio Grande do Sul. As relações professor-aluno e aluno-paciente também são abordadas e exemplificam a realidade da instituição. A linguagem é acessível, mesmo para quem não está familiarizado com a especialidade, pois possui fortes marcas da oralidade. (Leila Ghorzi)



### Travessuras da menina má

Mario Vargas Llosa  
Editora Alfabeta Brasil,  
2006, 304 págs.  
R\$ 43

O livro narra os encontros e desencontros do peruano Ricardo e de Lily, a menina deliciosa e má, na Europa dos anos 60 a 90. Baseado em experiências reais do autor, mescladas aqui e ali com ficção, o texto descreve algumas das transformações do velho e do novo continente nesse período caracterizado por intensa atividade intelectual e transformações sociais e políticas. O livro, que acompanha inicialmente os tempos de penúria de Ricardo como tradutor em Paris, vai aos poucos expandindo os horizontes e cria uma trama que cobre diversas cidades da Europa, do Japão e da América Latina. É a história de um amor conturbado e arrebatador, mas, como em todo bom romance, nos remete a dimensões que transcendem a vida particular dos protagonistas. (Artur Lopes)

# O retorno da Orquestra



## Música erudita Salão de Atos volta assediar concertos oficiais da OSPA

Enquanto aguarda a construção de seu novo teatro, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) volta a realizar seus concertos oficiais no Salão de Atos da Universidade. A Orquestra está sem espaço próprio para apresentações desde julho passado, quando deixou o Teatro Leopoldina, na avenida Independência – o qual ocupou por 24 anos. Além de possibilitar um local fixo para os principais concertos de 2009, o convênio OSPA-UFRGS, assinado em 30 de março, retoma a parceria histórica entre as duas instituições que sempre ocuparam papel determinante no cenário cultural porto-alegrense.

Para o presidente da Fundação OSPA, o médico Ivo Abrahão Nesralla, o retorno ao Salão de Atos possui importância especial, pois foi na UFRGS que a Orquestra teve seu maior desenvolvimento. O primeiro concerto da OSPA na Universidade foi realizado em 1957, sete anos após a sua criação pelo regente húngaro Pablo Komlós. A partir de então, o Salão foi palco para muitas apresentações da Orquestra, incluindo a famosa série *Concertos para a Juventude*. Esses concertos duraram até 1983, quando o Salão teve de ser fechado para reformas. No entanto, depois da sua reabertura, projetos da Orquestra, como o *Poema*, voltado para estudantes de Ensino Fundamental e Médio, continuaram a ser desenvolvidos na UFRGS.

**Universidade musical** - O convênio estreita ainda mais a relação da música erudita com a Universidade, referência por seu Departamento e Programa de Pós-graduação em Música. De acordo com o reitor Carlos Alexandre Netto, “a UFRGS tem como sua maior missão a produção do conhecimento e da cultura. Por meio dessa associação com a OSPA, temos a possibilidade de brindar a sociedade porto-alegrense com a música, essa linguagem tão especial e particular do entendimento, da beleza e da harmonia”. O reitor também lembrou a importância da Rádio da Universidade, que se consagrou pela qualidade de sua programação de música erudita.

No primeiro concerto oficial do ano, realizado no dia 7 de abril, a Orquestra recebeu uma homenagem à sua história e à sua relação com a UFRGS. Antes da apresentação, foi descerrada uma placa comemorativa no Salão de Atos pelo reitor, em cerimônia que contou com a participação do presidente da Fundação OSPA e do secretário municipal de Saúde, Eliseu Santos.

**Música que inclui** - Nesralla vê como fundamental a relação entre as duas instituições. “A nossa Universidade é o centro do saber do Rio Grande do Sul e, por isso, ela deve ser sede também de desenvolvimento de atividades culturais, como concertos musicais.” Ele acredita que a Orquestra possui uma função política e social, já que a música faz parte da formação intelectual do ser humano e atua como instrumento de democracia. A OSPA cumpre essas funções não só pela difusão de música erudita, mas pela integração de diferentes classes sociais em seus projetos. Entre eles está a criação de uma orquestra jovem, a

Ospinha, que oferecerá educação musical a estudantes de baixa renda.

Neste ano, além dos concertos oficiais, há previsão de que alguns dos projetos educacionais da OSPA ocorram na Universidade. Um deles é o *Encontro com o Maestro*, no qual um regente explica o conteúdo e o significado das músicas ao público jovem. Na opinião de Nesralla, as pessoas que não apreciam a música erudita na verdade não a conhecem e não entendem o que ela representa. Nos concertos didáticos, esse público tem a oportunidade de aprender a história da obra e de seu compositor, além de sua importância para a época em que foi criada. “A arte é o espelho do desenvolvimento de um país. Esse espelho deve ser traçado de maneira contínua por meio da educação musical. Essa é a função que a OSPA busca exercer”, afirma.

Com as apresentações na UFRGS, abre-se também a possibilidade de aproximação da Orquestra com os estudantes – um público não tão habituado à música erudita. Ivo Nesralla vê esta como uma oportunidade para que os jovens conheçam e tenham compreensão das obras de música clássica e contemporânea.

O diretor artístico e regente titular Isaac Karabtchevsky diz ser, inclusive, um dos principais objetivos de uma orquestra a difusão de música erudita e de conhecimento a diferentes públicos e em diferentes espaços – como praças, parques e cidades do interior do estado. O primeiro concerto do ano, realizado no Hospital Psiquiátrico São Pedro, é um exemplo disso. Na ocasião, alguns internos participaram da apresentação regendo a OSPA. “Este concerto foi maravilhoso, em um local amplo e interessante”, comenta.

## À espera do novo espaço

Para o maestro Isaac Karabtchevsky, o espaço físico é fundamental para o desenvolvimento de uma orquestra, questão que vem se impondo à OSPA ao longo de sua história. Em 1983, quando teve de deixar de se apresentar no Salão de Atos, a Orquestra foi para o Teatro Leopoldina, do qual saiu somente no ano passado. A nova sala sinfônica da OSPA terá como endereço o Parque da Harmonia, ao lado da Câmara Municipal de Porto Alegre, em um terreno cedido pela prefeitura. O teatro terá capacidade para 1.560 pessoas, além de espaço para concertos ao ar livre. O projeto, porém, esbarrou na burocracia e ainda não saiu do papel.

A OSPA vem realizando seus ensaios na Sala Negrinho do Pastoreio, do Palácio Piratini, cedida pela governadora Yeda Crusius. Apesar da qualidade do espaço, a Orquestra frequentemente divide os acordes de seus ensaios diários com os gritos dos protestos realizados em frente

ao Palácio. Segundo Ivo Nesralla, o convênio com a UFRGS possibilita à Orquestra fazer seus concertos em um dos únicos teatros com estrutura apropriada no estado, devido à qualidade física e acústica do Salão de Atos. Regente titular da OSPA, Karabtchevsky lembra que o Salão atende aos requisitos para abrigar uma orquestra, que para ele é um organismo complexo e de difícil gestão em termos de espaço, devido não só aos seus mais de 80 músicos, mas também ao seu componente físico. Ele ressalta a importância dessas parcerias para as orquestras: “Isso deu novo sentido à Orquestra, pois ela depende da estrutura”.

O novo teatro, todavia, não significará o fim da parceria entre a Universidade e a Orquestra. Karabtchevsky promete apresentações semelhantes aos *Concertos para a Juventude* dos anos 1960. “Devido à história que circunda este salão, a OSPA tem direito adquirido sobre

ele, e nós vamos honrá-lo. Queremos ser transformados em convidados permanentes deste espaço.” O reitor Carlos Alexandre Netto confirmou o compromisso por parte da UFRGS, colocando a Universidade à disposição da Orquestra, pois considera que “ambas as instituições partilham da mesma natureza e devem colocar-se a serviço da comunidade”.

O Estudo de Viabilidade Urbanística para o novo teatro foi aprovado e já possui licença para instalação. Dessa maneira, Ivo Nesralla diz que a intenção é começar a construção da sala sinfônica o quanto antes e com os recursos que estiverem à disposição. “Em 2010 a Orquestra comemora seus 60 anos, e os planos são de festejar a data já no novo teatro”, conclui.

Luciane Costa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

## Destaques de 2009

Pelo convênio entre OSPA e UFRGS, os concertos oficiais da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre serão realizados no Salão de Atos. As apresentações em 2009 serão, em sua maioria, homenagens a datas comemorativas, como os aniversários de morte de Villa-Lobos, Handel e Haydn. Também serão celebrados o centenário da imigração russa, com uma maratona musical, e o ano da França no Brasil, ambos com participação de regentes e solistas desses países. O maestro Isaac Karabtchevsky lembra que há dois anos ocorreu o ano da França na França e, na ocasião, músicos daqui tiveram chance de se apresentarem lá. Agora é a OSPA que tem como convidados artistas franceses. “Esse intercâmbio é muito importante para a Orquestra”, diz. As apresentações ocorrerão sempre às terças-feiras, às 20h30min. Serão distribuídos à comunidade universitária 300 ingressos gratuitos, que poderão ser adquiridos por meio de cadastramento no Departamento de Difusão Cultural da Universidade (Av. Paulo Gama, 110 - mezanino do Salão de Atos). Os demais ingressos estarão disponíveis na bilheteria do Salão de Atos, nas segundas e nas terças-feiras, das 11h às 19h. O valor da entrada é de R\$ 20, com desconto de 50% para estudantes, idosos e assinantes ZH.

## PROGRAMAÇÃO

**12 de maio** - Concertos Legais  
Para alunos das escolas de Porto Alegre  
Regente: Manfred Schmiadt  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 10h - Entrada franca

**26 de maio** - 4º Concerto da Série Oficial  
Festival Haydn - 200 Anos de falecimento  
Obras:  
Sinfonia nº 94, em Sol Maior - “Surpresa”  
Missa in tempore belli, em Dó Maior,  
Hob.XXII:9

**Solistas:**  
Claudia Azevedo - Soprano  
Raissa Panatieri - Mezzo soprano  
Eduardo Bighellini - Tenor  
Daniel Germano - Baixo  
Coro Sinfônico da OSPA  
Regente: Manfred Schmiadt  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 20h30min - Ingressos na bilheteria



► Redação: Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE

# As marcas dos mil anos da cultura judaica na Polônia



### Exposição

## Mostra no Museu da UFRGS destaca contribuições do judeus na filosofia, na literatura e na música

Desde o dia 4 deste mês, o Museu da UFRGS está realizando a exposição "Mil anos de Judeus na Polônia".

Uma parceria entre o Consulado-Geral da República da Polônia, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul, o Studio Clio e a Sala Redenção UFRGS, a mostra apresenta o passado e o presente do povo judeu na Polônia e sua relevância para a formação da identidade cultural daquele país.

Tiago Halewicz (Studio Clio) e Marili Berg (diretora da Federação Israelita) dividem a curadoria da exposição, idealizada pelo Instituto Adam Mickiewicz, sediado em Varsóvia (Polônia) e trazida ao Brasil pelo Ministério de Relações Exteriores e pelo Consulado da Polônia em

Curitiba. Segundo Tiago, a mostra pretende destacar a relevância da presença judaica desde a formação do Estado polonês no século X. Marili acrescenta que a exposição contará a história política da Polônia, acompanhando a contribuição judaica no campo da Filosofia, da Literatura e da Música. Ela frisou que a história dos judeus naquele país não se resume apenas ao holocausto.

O evento conta com atividades complementares, como palestras, filmes seguidos de debate e apresentações musicais. A exposição poderá ser visitada até 26 de junho, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. O agendamento de turmas de instituições de ensino deve ser feito pelo telefone 3308-4022.

## CINEMA

### Imagem e conceito: Filosofia, Cinema e Educação

Ciclo promovido pela Faculdade de Educação que debate as relações entre filosofia e educação, a partir de uma perspectiva histórico-conceitual. Após cada sessão, debate com convidado um professor convidado.

GIORDANO BRUNO  
É mesmo livre o pensar?



(Itália, 1973, 120 min.), de Giuliano Montaldo

A trajetória do filósofo e político queimado pela Inquisição em 1600. Sessão: 7 de maio (quinta-feira) Local e horário: sala 601 da Faced, às 18h30min Entrada franca

MARAT SADE  
Faz sentido lutar?

(Suécia, 1967, 119 min.), de Peter Brook Internado num hospício, o marquês de Sade encena uma peça sobre o assassinato de Jean-Paul Marat, líder da Revolução Francesa. Sessão: 28 de maio (quinta-feira) Local e horário: sala 601 da Faced, às 18h30min às 22h Entrada franca

### Mostra de cinema polonês: cineastas da Escola de Lodz

Ciclo comemorativo ao centenário da

produção cinematográfica daquele país, promovido pela Sala Redenção em parceria com o Museu da UFRGS e Studio Clio. A antologia contempla parte da filmografia de diretores oriundos da Escola de Lodz, de grande influência na cinematografia europeia. Por meio de alguns filmes específicos, a mostra também dialogará com a exposição "Mil anos dos Judeus na Polônia". Apoio: Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou.

A DUPLA VIDA DE VERONIQUE  
(Polônia, 1991, 93min.), de Krzysztof Kieslowski  
Sessões: 6, 7 e 26 de maio (quarta e quinta-feira)  
Horários: dia 6, às 19h; dia 7, às 16h; e dia 26, às 19h  
Entrada franca

### NÃO AMARÁS



(Polônia, 1988, 82 min.), de Krzysztof Kieslowski  
Sessões: 8 e 11 de maio (sexta-feira)  
Horário: 16h  
Entrada franca

NÃO MATARÁS  
(Polônia, 1988, 80 min.), de Krzysztof Kieslowski  
Sessão: 8 de maio (sexta-feira)  
Horários: dia 8, às 19h; e dia 11, às 16h  
Entrada franca

FAÇA NA ÁGUA  
(Polônia, 1962, 94 min.), de Roman Polanski  
Sessões: 11 e 12 de maio (segunda e

terça-feira)  
Horários: dia 11, às 19h; e dia 12, às 16h  
Entrada franca

TESS - UMA LIÇÃO DE VIDA



(Inglaterra, 1979, 172 min.), de Roman Polanski  
Sessão: 12 e 26 de maio (terça-feira)  
Horários: dia 12 às 19h; e dia 26, às 16h  
Entrada franca

O PIANISTA  
(Inglaterra, 2002, 148 min.), de Roman Polanski  
Sessão: 13 de maio (quarta-feira)  
Horário: 16h  
Entrada franca

CUL DE SAC - ARMADILHA DO DESTINO  
(Inglaterra, 1966, 114min.), de Roman Polanski  
Sessões: 13, 14 e 28 de maio (quarta e quinta-feira)  
Horários: dia 13, às 19h; dia 14, às 16h; e dia 28, às 16h  
Entrada franca

O HOMEM DE MÁRMORE



(Polônia, 1974, 179 min.), de Andrzej Wajda  
Sessões: 18 e 19 de maio (segunda e terça-feira)

Horários: dia 18, às 19h; e dia 19, às 16h  
Entrada franca

REPULSA AO SEXO  
(Inglaterra, 1965, 105 min.), de Roman Polanski  
Sessões: 14, 18 e 29 de maio (quinta, segunda e sexta-feira)  
Horários: dia 14, às 19h; dia 18, às 16h; e dia 29, às 16h  
Entrada franca

O HOMEM DE FERRO  
(Polônia, 1981, 153 min.), de Andrzej Wajda  
Sessões: 19 e 25 de maio (terça e segunda-feira)  
Horários: dia 19, às 19h; e dia 25, às 16h  
Entrada franca

PAISAGEM APÓS A BATALHA  
(Polônia, 1970, 101 min.), de Andrzej Wajda  
Sessão: 20 de maio (quarta-feira)  
Horário: 16h  
Entrada franca

OS INOCENTES CHARMOSOS  
(Polônia, 1960, 87 min.), de Andrzej Wajda  
Sessões: 20 e 21 de maio (quarta e quinta-feira)  
Horários: dia 20, às 19h; e dia 21, às 16h  
Entrada franca

TUDO À VENDA  
(Polônia, 1969, 94 min.), de Andrzej Wajda  
Sessões: 21, 22 e 29 de maio (quinta e sexta-feira)  
Horários: dia 21, às 19h; dia 22, às 16h; e dia 29, às 19h  
Entrada franca

## ONDE?

**Auditorium Tasso Corrêa**  
Rua Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4318

**Espaço Ado Malagoli**  
Rua Senhor dos Passos, 248 - térreo  
Fone: 3308-4318

**Faculdade de Ciências Econômicas**  
Av. João Pessoa, 52  
Fone: 3308-3467

**Faculdade de Educação**  
Av. Paulo Gama, s/nº  
Fone: 3308-3099

**Galeria do DMAE**  
Rua 24 de Outubro, 200  
Fone: 3289-9722

**Livraria Cultura - Bourbon Shopping Country**  
Av. Túlio de Rose, 80 - Loja 302  
Fone: 3028-4033

**Sala Fahrion**  
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar  
Fone: 3308-3034

**Sala Qorpo Santo**  
Rua Luiz Englert, s/nº  
Fone: 3308-4318

**Sala Redenção**  
Rua Luiz Englert, s/nº  
Fone: 3308-3034

**Saíão de Ato**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3066

## MÚSICA

### Saraus no Instituto de Artes

Série de recitais de música erudita com alunos do Departamento de Música. Datas: 7, 11, 18 de maio

Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 12h30min Entrada franca

### Fred Martins



Show para a série Cancionistas - Música de Hoje, do projeto Unimúsica. O compositor carioca transcreveu partituras de compositores como Noel Rosa e Tom Jobim para os songbooks produzidos por Almir Chediak, tendo recebido o prêmio de público e de crítica no 9.º Prêmio Visa de Música Brasileira em 2006. Data: 7 de maio

(quinta-feira) Local e horário: Salão de Ato, às 19h Entrada franca mediante a doação de 1Kg de alimento não perecível. Retirada de ingressos na bilheteria do Salão.

### Encontro com o artista

O músico Fred Martins irá apresentar algumas peças-chave do nosso cancionário, discutindo a especificidade do artesanato da canção popular, a partir de obras como *Samba de uma nota só*. Data: 8 de maio (sexta-feira) Local e horário: Sala Fahrion, às 14h Entrada franca

### Mário Trilha

Recital com o cravista português Mário Trilha, que gravou um CD com modinhas e sonatas do período em que D. João VI viveu no Brasil. Data: 20 de maio (quarta-feira) Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 20h30min Entrada franca

## EXPOSIÇÕES

### Espécie Humana Headlines

Esculturas, desenhos e gravuras que expressam a eloquência do efêmero e dos fatos divulgados nas manchetes e notícias de jornais. As obras são da artista plástica Adriana Xaplin. Visitação: até 25 de maio Local e horário: Galeria de Arte do DMAE, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h30min Entrada franca



### Arqueologia IÁTICA



Mostra fotográfica do artista visual Jener Gomes, que faz referência à procura de ambientes desconhecidos por grande parte das pessoas que transitam diariamente pelo Instituto de Artes, em especial os próprios alunos, professores e funcionários. A mostra marca a reabertura do Espaço Ado Malagoli para a exposição dos trabalhos elaborados pelos estudantes do Departamento de Artes Visuais. Visitação: até 15 de maio Local e horário: Espaço Ado Malagoli do Instituto de Artes, de segunda a sexta-feira, das 9h às 20h Entrada franca

## CURSOS & PALESTRAS

### Aprender não tem idade

A Faculdade de Educação realiza os cursos de extensão "Inclusão digital de crianças hospitalizadas" e "Inclusão digital de idosos hospitalizados". As atividades pretendem instrumentalizar acadêmicos e voluntários da comunidade para atuar no atendimento de crianças e idosos internados em hospitais. Período: 9 de maio a 27 de junho (sábados) Local e horário: Faced, das 8h30min às 12h Inscrições gratuitas até 8 de maio, das 14h às 17h, no saguão do 8.º andar da Faced Informações: [luandra.lm@gmail.com](mailto:luandra.lm@gmail.com)

### Os plasmas: o que são e onde estão?

Palestra com Luiz Fernando Ziebell, professor associado da UFRGS, que irá apresentar as propriedades básicas e as aplicações dos plasmas em processos de importância tecnológica. A atividade integra a programação do centenário do Instituto de Física e as comemorações do Ano Mundial da Astronomia. Data: 21 de maio Local e horário: auditório da Livraria Cultura, às 19h30min Entrada franca

## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

### Onde não se sentir só

*Carpe Diem*: é o que Nathasha Schultz Brandão traz tatuado no antebraço. A estudante considera não existir colheita melhor do que o conhecimento adquirido pelos livros, pelas experiências que vivencia, pelas pessoas que conhece. "Aproveitar o tempo para mim é sempre estar buscando mais."

Nathasha elegeu a Biblioteca do Direito como o seu local predileto. Apesar de estar no 8.º semestre de Engenharia de Produção e frequentar disciplinas de Ciências Econômicas como curso dois, é nesse espaço que ela usa plenamente os seus intervalos entre o trabalho e as aulas.

Tudo começou quando a garota tinha uma prova difícil de Engenharia, dentre tantas, e não estava conseguindo se concentrar na biblioteca da sua faculdade. "Então, eu vim para cá, deixei minhas coisas ali no armário, sentei e comecei a estudar. Por necessidade de um ambiente em que conseguisse tirar o melhor dos meus estudos", narra a estudante. Nathasha considera que teve sorte em parar no Direito e diz que acabou se apaixonando pelo lugar.

Para a jovem de 22 anos, a biblioteca do prédio da Engenharia Nova tem um grande fluxo de pessoas, enquanto a da Economia é mais tranquila. "Não que as outras sejam ruins, mas esta aqui, para mim, por algum motivo, é especial. A biblioteca do Instituto de Artes, por exemplo, é só para pegar livros, não é para estudar." E acaba justificando sua preferência, dizendo que, quando entra no prédio da Faculdade de Direito, talvez pela sua estética, tem a impressão de estar realmente dentro de um espaço acadêmico. Ela própria se sente mais focada. "Para mim, biblioteca é isso: um momento de estudo."

Cerca de 70% da semana da estudante é dedicada aos estudos, porque Engenharia é um curso que demanda muito esforço, e a Economia lhe agrada de tal maneira que, quando vê, mesmo no seu tempo livre, está lendo algo sobre o tema. Nathasha é também funcionária do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em Gravataí, e não desperdiça o período de deslocamento. Nas três horas e meia entre a capital e a cidade da região metropolitana, procura estudar. Sua carga diária de trabalho é de seis horas, o que não considera maçante, pois muitos estágios exigem essa disponibilidade.

O interessante, na história de Nathasha e seu local preferido na Universidade, é que ela não tem

predileção pela Biblioteca do Direito em função de seu acervo, do qual desconhece a qualidade. Aliás, a estudante só fez uso dele uma única vez, justamente quando precisou estudar sobre legislação previdenciária para o concurso do INSS. "Passei, viu? Tive sucesso na minha busca de conhecimento!"

A garota passa ali seu tempo livre por gostar do ambiente, que julga bastante agradável. Nesse espaço, em que se sente à vontade, acolhida, no sentido de aumentar seu saber, é onde se desenvolve como universitária e futura profissional. Hoje, sua rotina está mais atribulada do que quando "descobriu" a Biblioteca do Direito, a ponto de vê-la como um momento de relaxamento, no qual esquece do dia de correria para o trabalho, para a aula. "Às vezes, venho para cá antes de ir para casa, porque aqui me tranquilizo e faço assim um parêntese na vida!"

No entanto, a atendente do balcão estranha a preferência de Nathasha por esse lugar: "Eu nunca escolheria vir estudar aqui". A estudante de Letras e bolsista na Biblioteca Muriel Assmann afirma que o salão é muito barulhento por não separar o local de estudo do atendimento dos usuários. Os outros bolsistas que catalogavam material de pesquisa também concordaram que há ruído, inclusive da rua e do Centro Acadêmico André da Rocha.

Encarregados de atender o público, os estudantes responsáveis pelo balcão identificam, de seu ponto de vista privilegiado, outros frequentadores cativos da Biblioteca do Direito. "Têm uns que vêm sempre no mesmo horário, chegam na metade da tarde e ficam até a noite..."

Biblioteca não é lugar para ficar socializando, mas, sim, para concentração, na opinião de Nathasha. No entanto, a jovem conclui que não há como se sentir sozinha em meio a tantos livros e tanta informação. Como ela pretende utilizar tudo que somar? Em benefício de todos que a cercam e da sociedade em geral.

Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

#### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

# Perfil O Gil solidário

**Gil Gomes**

*Há 16 anos ele trabalha novas ideias na Universidade*

Jacira Cabral da Silveira

Faz poucos dias, Gilmar Gomes começou a frequentar o curso de mestrado em Geografia no Instituto de Geociências da UFRGS. Agora ele divide seu tempo entre o Câmpus do Vale, onde assiste às aulas do pós-graduação, e o Câmpus Centro, base do seu trabalho de coordenador da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, realizado em conjunto com o Núcleo de Economia Alternativa (NEA). Isso tudo numa minúscula salinha no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, "espaço" que também faz as vezes de sala do professor Carlos Schmidt, coordenador do NEA.

"Meus tempos são defasados em comparação ao da maioria das pessoas." Autodefinição de quem preferiu começar a trabalhar antes de fazer o primeiro vestibular (entrou com 23 anos no curso de História da UFRGS), entre outras escolhas que fez ao longo de seus 47 anos de taurino com ascendente em gêmeos. "O geminiano me dá essa possibilidade de perceber muitos movimentos a minha volta e acabo gostando de todos eles", outra característica que reflete a diversidade da sua atuação em diferentes setores da Universidade, e também a intensidade com que as incorpora.

Recentemente, ele e Schmidt participaram da reunião com o economista e Secretário Nacional de Economia Solidária, Paul Singer. Na ocasião, Gilmar foi apresentado como o precursor da ideia de economia solidária na UFRGS, tema que hoje está presente nos cursos de Administração, Economia e Arquitetura. Ele e Luis Oscar Ramos Correia, então servidores do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, vinculado à Pró-reitoria de Extensão, deram início, em 1997, ao projeto que originaria a Incubadora e o NEA, com um trabalho de extensão em organizações comunitárias e atuação em associações de moradores.

"Percebemos que já não era mais uma luta pelo saneamento nem pelo transporte: as pessoas não tinham dinheiro sequer pra pegar ônibus, não tinham trabalho!" É com a acelerada progressão do desemprego dos anos 80 aos 90, em âmbito mundial, que a Economia Solidária surge como alternativa. E quando em 2001 é realizado o primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre, o grupo recebe ativistas de diferentes países e ganha espaço nacional e internacional.

**Ensinar e aprender** - Mas a economia solidária não foi a única paixão de Gilmar nesses 26 anos de UFRGS, onde começa a trabalhar no mesmo ano em que entra para o curso de História, em 1983. Sua primeira função foi a de assistente administrativo na pós-graduação da Faculdade de Educação (Faced). "Minha história é recheada de coisas inesperadas e, de certa forma, parece que desejei que elas acontecessem."



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

**"Percebemos que já não era mais uma luta pelo saneamento nem pelo transporte: as pessoas não tinham dinheiro sequer para pegar o ônibus, não tinham trabalho!"**

Diz isso pelo fato de ter conhecido, nessa época, o professor Nilton Fischer. "Com ele, aprendi um perfil de educação que se opunha à prática dominante na época – behaviorista e comportamentalista – de cunho americano." Também foi com Nilton que conheceu Paulo Freire, leitura fundamental para sua prática docente. Com colegas servidores grevistas em 1984 e professores da faculdade, cria o curso que se transformaria, em 1986, no Programa de Ensino Fundamental para Jovens Adultos Trabalhadores da UFRGS. "A ideia surgiu quando nos demos conta do número de colegas analfabetos." Como deixar isso ocorrer dentro de uma Universidade? A criação do curso foi a resposta. Lecionou História durante dez anos no Programa e hoje faz parte do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da UFRGS.

Nos dez anos de Faced, também

trabalhou na Central de Produções: "Cara, que moçada!". Começa a citar nomes, mas fica chateado por esquecer alguém, então desiste. Gilmar é do tipo amigo, que gosta de cantar e tocar MPB no violão. Solta a voz e segue direitinho as notas indicadas numa daquelas revistas para aprender que sempre carrega. Segundo ele, um professor definiu bem sua performance musical: "Tu 'canta' com tanto sentimento, que a gente nem percebe teu violão desafinado". Mas como está vivendo um momento mais ermitão, ele gosta de usar o tempo livre para ficar em casa lendo na companhia de Márcia.

"Ela me deu motivação para viver", declara seu amor pela esposa que conheceu há 16 anos, na mesma fase turbulenta do final de sua atuação na Assufrgs, em 1994. "Foi uma época difícil" – assim resume o sentimento de quando ele e os colegas de diretoria sofreram *impeachment*, numa assembleia com cerca de mil pessoas. Foi como terminou sua atividade sindical de uma década junto à Associação, tempo suficiente para deixar de ser tímido, gostar de Brasília e descobrir no amor da mulher que a vida pode voltar a ter sentido.

**Ficha técnica** - Gilmar nasceu em Porto Alegre, morou com os pais, Olindina e Gil, até os vinte e poucos anos. Em casa, não se falava em política, apenas se cochichava, mas foi o suficiente para ele e os irmãos Gilnei e Nilza serem militantes de esquerda, como os pais, que eram brizolistas. Gilmar participou de movimento jovem de igreja, da Libelu (Liberdade e Luta, uma das organizações do movimento político-estudantil dos anos 70-80), é membro fundador do PT, astrólogo e joga tarô – embora não se considere um bruxo. Seu apelido é Gil, como o pai: "Com muito orgulho!".

ENSAIO



# Lomografias

TEXTO E FOTOS NATÁLIA TONDA

**A** costumei-me a encontrar beleza na desordem morando em São Paulo e convivendo com isso diariamente. Coisas para as quais olhamos e não as vemos. Para alguns, fugir do caos e da desordem é o grande desafio. Juntar os dois e transformar em expressão pode ser quase inimaginável.

É isso que procuro colocar em minhas imagens: o feio, o esquecido, o caótico, o desgasto.

Com a lomografia, como mostram as imagens desta página, tenho encontrado resultados tão incertos quanto as imagens do dia a dia. Da imprecisão do clique até a hora em que o químico revela o positivo, a ansiedade de saber o resultado toma conta de todos os planos da imagem e de mim! O resultado é sempre surpreendente.

Lomografia é um termo derivado de LOMO (Leningradskoye Optiko Mechanicheskoye Obyedinenie) – câmeras não convencionais, muitas vezes chamadas de “câmeras de brinquedo”. É como projetar a sensação de sonho em atividades simples do cotidiano. Transformar o caos em fotografias contrastadas e cheias de cor.

Na Lomo, seu apelido afetivo, a lente Minitar é capaz de gerar um brilho diferente na imagem. O modo de exposição automática do filme, mesmo em difíceis condições de luz e sem a utilização do flash, torna mais fácil entender por que esse tipo de fotografia atrai um público cada vez mais amplo, que vai de quem tem prática com câmeras sofisticadas até quem nunca teve intenção de se dedicar à fotografia.

A característica desse tipo de câmera é incentivar a busca de um olhar próprio e de instigar o desejo por imagens diferentes. E, claro, dar mais chance ao acaso, ao erro, ao incerto como forma de expressão.



**NATÁLIA TONDA**

É PAULISTANA, FORMADA PELA ESCOLA PANAMERICANA DE ARTES E ESTÁ EM PORTO ALEGRE COMPLEMENTANDO ESTUDOS EM FOTOGRAFIA NA UNISINOS.

